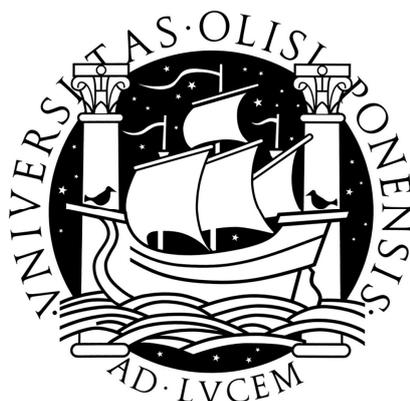


UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**CRESCER A *PAR* CONTIGO: A RELAÇÃO ENTRE O
APOIO SOCIAL, A GRATIFICAÇÃO PARENTAL E A
INTERACÇÃO PAIS-FILHOS**

Iris Correia Boavida Pereira Arriscado

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia
Sistémica)**

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**CRESCER A PAR CONTIGO: A RELAÇÃO ENTRE O
APOIO SOCIAL, A GRATIFICAÇÃO PARENTAL E A
INTERACÇÃO PAIS-FILHOS**

Iris Correia Boavida Pereira Arriscado

Tese Orientada pelo Professor Doutor Wolfgang Rüdiger Lind

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia
Sistémica)

2010

A presente dissertação teve o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do PTDC/CED/69219/2006.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

A FLOR

“Pede-se a uma criança: Desenhe uma flor!

Dá-se-lhe papel e lápis.

A criança vai sentar-se no outro canto da sala
onde não há mais ninguém.

Passado algum tempo o papel está cheio de linhas.

Umhas numa direcção, outras noutras;
umas mais carregadas, outras mais leves;
umas mais fáceis, outras mais custosas.

A criança quis tanta força em certas linhas que o papel quase não resistiu.

Outras eram tão delicadas que apenas o peso do lápis já era demais.

Depois a criança vem mostrar essas linhas às pessoas:

Uma flor!

As pessoas não acham parecidas estas linhas com as de uma flor!

Contudo, a palavra flor andou por dentro da criança,
da cabeça para o coração e do coração para a cabeça,
à procura das linhas com que se faz uma flor,
e a criança pôs no papel algumas dessas linhas, ou todas.

Talvez as tivesse posto fora dos seus lugares,
mas são aquelas as linhas com que Deus faz uma flor!”

Poema de Almada Negreiros

*A todas as crianças,
que desenhando bem ou mal,
habitam dentro de nós.*

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço aos meus Pais e à minha Irmã, companheiros de caminhada há já vinte e três anos, sem os quais nunca seria o que sou hoje. Por tudo o que me dão, por todos os momentos de suporte, de apoio, pelo espaço de sempre acolhimento que me proporcionam, por tantas coisas que é impossível nomear... pela vossa simples existência. E a Deus por me permitir nascer e crescer numa família tão fabulosa como a nossa.

Em segundo lugar agradeço ao meu Orientador, Professor Doutor Wolfgang Lind, uma pessoa que se revelou como um verdadeiro Professor, investigador, terapeuta e amigo ao longo deste ano tão intenso. Por todas as dúvidas a que respondeu sempre com um sorriso amável, pela disponibilidade sempre presente, pela compreensão, pelos ensinamentos, ... muito obrigado por ter abraçado esta investigação que me dizia tanto, obrigado por todo o esforço que despendeu em acompanhar-me nesta atribulada viagem de nove meses.

À Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro e Professora Doutora Isabel Narciso, pelos conselhos que me foram dando ao longo destes dois anos em que tive o enorme prazer de vos conhecer, e de convosco aprender... por me motivarem a fazer arte com os conhecimentos.

*Ao Professor Doutor Luís Miguel Neto
por uma visão tão radiante, reflexiva e inspiradora da vida.*

*À Professora Doutora Maria Stella Aguiar e Professora Doutora Maria Emília Nabuco,
um grande obrigado por terem trazido para o nosso país um Projecto em que acredito, tão belo,... e pela oportunidade que me deram em fazer parte dele há já quase três anos.*

*À Mestre Cláudia Costa
pela sempre calorosa e disponível resposta, pelo acompanhamento e apoio ao longo destes quatro anos.*

Também agradeço à FCT,

por apoiar Projectos, e acima de tudo, pessoas e sonhos...

Aos amigos de sempre, aos novos amigos, aos amigos académicos...

a todos aqueles amigos que longe ou perto me deram algo de si, e com quem aprendi...

e aos que já não vejo há tanto tempo e que ainda assim sei que estiveram sempre comigo.

A todas as mães e a todos os pais que responderam aos questionários,

sem a vossa boa-vontade esta investigação nunca teria sido possível.

Aos técnicos das instituições onde foram aplicados os instrumentos de avaliação, em particular aqueles com quem tive o prazer de privar de perto,

pela simpatia, sempre disponibilidade, aceitação e amizade.

Às equipas com que fui trabalhando, em especial as que estiveram comigo no ano de voluntariado (2007/2008) e de orientação (2008/2009),

obrigado pela vossa presença, paciência e solidariedade.

A todos os aplicadores que ao longo destes anos colaboraram na recolha das amostras,

sem vocês nunca teria conseguido aferir resultados a esta escala da população.

Aos investigadores que partilharam, directa ou indirectamente, saberes comigo

se esta não fosse uma área tão bonita, certamente nunca nos teríamos interessado e

apaixonado por ela.

Obrigado por terem acreditado em mim.

Vocês são o meu apoio social, sinto-me grata por vos ter conhecido, e por interagirmos.

Índice Geral

Índice Geral

Índice de Quadros

Índice de Figuras

Índice de Gráficos

Resumo

Abstract

Introdução

1. Enquadramento Teórico das Variáveis em Estudo	1
1.1 - A Gratificação Parental	3
1.2 - Actividades de Interação Pais-Filhos	6
1.3 - O Apoio Social	12
2. Metodologia	19
2.1 - Desenho da Investigação	19
2.1.1 - Objectivos da Investigação	19
2.1.2 - Questões de Investigação	19
2.1.3 - Mapa Conceptual	20
2.2 - Estratégia Metodológica dos Estudos preliminares (Adaptação dos instrumentos)	21
2.2.1 - Selecção da Amostra	21
2.2.2 - Caracterização da Amostra	21
2.2.3. Instrumentos	22
2.2.3.1 - Escala de Gratificação Parental	22
2.2.3.2 - Escala de Actividades de Interação Pais-Filhos	23
2.2.3.3 - Questionário sobre Apoio Social	24
2.3 - Estratégia Metodológica do Estudo Principal	25
2.3.1 - Selecção da Amostra	25
2.3.2 - Caracterização da Amostra	25
2.3.3 - Instrumentos Utilizados	29
2.4 - Procedimento na Recolha e Tratamento de Dados	29

3. Apresentação e Análise dos Resultados	30
3.1 - Estudos Preliminares	31
3.1.1 - Escala de Gratificação Parental	31
3.1.2 - Escala de Actividades de Interação Pais-Filhos	33
3.1.3 - Questionário sobre Apoio Social	35
3.2 - Estudo Principal	38
4. Discussão e Conclusões	41
4.1 - Interpretação dos Dados	41
4.2 - Limitações do Estudo	46
4.3 - Implicações do Estudo	48
4.4 - Perspectivas de Investigação Futura	50
Bibliografia	51
Anexos	
Anexo I – Autorização de utilização dos dados	
Anexo II – Gráficos de normalidade das amostras dos Estudos preliminares	
Anexo III – <i>Sree Plots</i> das amostras dos Estudos preliminares	

Índice de Quadros

Quadro 2.1 – A idade para a amostra do estudo principal	26
Quadro 3.1 – Análise factorial exploratória das dimensões da EGP: matriz de estrutura de rotação Oblimin com normalização de Kaiser.	32
Quadro 3.2 – Análise factorial exploratória das dimensões da EAIP-F: matriz de estrutura de rotação Oblimin com normalização de Kaiser.	34
Quadro 3.3 – Análise factorial exploratória das dimensões do QAS: matriz de estrutura de rotação Oblimin com normalização de Kaiser.	37
Quadro 3.4 – Média de respostas, desvios-padrões e alfas de <i>Cronbach</i> das dimensões do QAS	37
Quadro 3.5 – Correlações entre os valores totais da EGP, EAIP-F e QAS	38
Quadro 3.6 – Correlações entre as sub-escalas do QAS, da EGP e da EAIP-F	39
Quadro 3.7 – Correlações entre as sub-escalas e as variáveis demográficas	40

Índice de Figuras

Figura 2.1 – Mapa conceptual	20
------------------------------	----

Índice de Gráficos

Gráfico 2.1 – Distribuição das mães e dos pais pelas habilitações académicas	26
Gráfico 2.2 – Distribuição percentual das crianças por grupos étnicos	27
Gráfico 2.3 – Distribuição percentual dos pais conforme o seu estado civil	27
Gráfico 2.4 – Distribuição percentual dos pais conforme a sua ocupação	28
Gráfico 2.5 – Distribuição dos participantes conforme o número de pessoas que constituem o seu agregado familiar	28
Gráfico 2.6 – Distribuição das crianças por número de irmãos	29

Resumo

A presente investigação insere-se no âmbito do Projecto *A Par* em Portugal, inspirado pelo *Peers Early Education Partnership* de Inglaterra. Pretende analisar o desenvolvimento da função parental, de pais com crianças entre os três e os cinco anos, ao nível da *Gratificação Parental*, *Actividades de Interação Pais-Filhos* e *Apoio Social* através de três instrumentos, em fase de adaptação. Nos estudos preliminares foram realizadas análises acerca da qualidade psicométrica de cada um dos instrumentos separadamente, com diferentes amostras de sujeitos, através dos quais encontramos bons índices de precisão e validade. Os instrumentos revelaram-se como pluridimensionais. No estudo principal, que pretendia averiguar a relação entre as variáveis, analisámos as respostas de 68 pais (mães ou pais). As correlações permitiram-nos verificar a existência de relações positivas entre todas as variáveis: um aumento da *Gratificação Parental* será acompanhado de mais *Actividades de Interação* e maior percepção de *Apoio Social* por parte dos pais. Além disso, evidenciaram-se resultados significativos ao nível de algumas variáveis sócio-demográficas, como a idade da criança (com o *Apoio Social* e a *Gratificação Parental*), as habilitações académicas da mãe, a idade da mãe, a idade do pai (com o *Apoio Social*), e o número de irmãos (com o *Apoio Social* e as *Actividades de Interação Pais-Filhos*). Este estudo levanta ainda algumas considerações no que respeita a importância do apoio prestado às famílias nesta etapa de vida, nomeadamente a criação de redes sociais de ajuda de pessoas mais próximas que permitam aos pais, sentirem-se apoiados no seu papel parental.

Palavras-chave: *Gratificação Parental*, *Interação Pais-Filhos*, *Apoio Social*

Abstract

Growing Together With *Peer*: The relation between Social Support, Pleasure in Parenting and Parent-Child Interaction

This research falls within the *A Par* Project in Portugal, inspired by the *Peers Early Education Partnership* from England. It is aimed to analyse the parental role development, at the level of *Pleasure in Parenting*, *Parent-child Joint Activities* and *Social Support*, of parents with children between three and five years, with three measures, which are being adapted. Preliminary analysis, were made to understand the psychometric properties of each one of the measures. Each analysis was made separately, with different samples of subjects, and good reliability and validity scores were obtained. The measures revealed as pluridimensional. In the main study, which sought to investigate the relationship between these variables, the responses of 68 parents (mothers or fathers) were examined. Results showed positive relations between all variables: a high score in *Pleasure in Parenting* was correlated with more *Parent-Child Joint Activities* and with a higher perception of *Social Support* from parents.

Furthermore, significant results were evidenced in some socio-demographic variables, such as child's age, (with *Social Support* and *Pleasure in Parenting*), mother's academic level, mother's age, father's age (with *Social Support*), and the number of siblings (with *Social Support* and *Parent-Child Joint Activities*). The research raises considerations about the importance of the support given to families at this stage of their life, namely to foster closer social networks of personal support that enable parents to feel supported in their parental role.

Keywords: *Pleasure in Parenting*, *Parent-Child Joint Activities*, *Social Support*

Introdução

O A Par em Portugal

O Projecto Aprender em Parceria (A Par) teve o seu início em Maio de 2006 nos subúrbios da cidade de Lisboa e de Sintra. Inspirado pelos princípios do Projecto *Peers Early Education Partnership* (PEEP), criado em Inglaterra, em 1995, na cidade de Oxford, com o propósito de melhorar as oportunidades de vida das crianças pequenas, residentes em áreas de intervenção prioritária (PEEP, 2010).

O *A Par* é assim um programa de intervenção pré-escolar, que se dirige fundamentalmente a populações mais carenciadas (uma vez que estas têm menos facilidade em aceder a este tipo de oportunidades educativas). Visa o envolvimento desde muito cedo de pais ou outros cuidadores, que tenham a seu cargo crianças com idades compreendidas entre os zero e os cinco anos, no seu processo de desenvolvimento e educação, tendo por base a criação de vínculos afectivos estáveis que se consideram como sendo fundamentais na construção dos alicerces para o sucesso futuro na escola, em casa e ao longo da vida. Pretende ainda, contribuir para a estruturação de um currículo de educação parental e para a formação dos cuidadores de crianças desta faixa etária, tendo em conta as diferentes etapas do seu desenvolvimento (Nabuco e Prates, 2008).

O Projecto espera desta forma, contribuir para a saúde, o bem-estar, a criatividade e o desenvolvimento integral das comunidades, bem como para a melhoria educacional das crianças desde o seu nascimento, valorizando o conhecimento e a experiência dos pais e cuidadores no dia-a-dia, tal como lidar com a diversidade cultural. Ao trabalhar com os pais, centra-se nas suas capacidades e, cria oportunidades de partilha. Considerando que a compreensão do mundo se faz a partir da perspectiva das crianças, a auto-estima, o jogo, as canções e rimas, as leituras e interações tomam um papel central neste processo de aprendizagem e que fundamenta o seu currículo (A PAR).

Para isto, utiliza o enquadramento ORIM (Hannon, 1995) que descreve como os pais/cuidadores podem ajudar as crianças a aprender, trabalhando em parceria com os educadores, de forma a oferecer: Oportunidades de aprendizagem através dos acontecimentos e actividades do dia-a-dia; Reconhecimento e valorização dos esforços e conquistas diárias das crianças; Interação com as crianças, de forma apoiante,

explicando e desafiando-as a ir mais além do que já conhecem; finalmente, Modelos de comportamentos e boas práticas, como poderosos instrumentos de aprendizagem.

Resumindo este é um Projecto comunitário que trabalha junto das famílias, de modo a promover, à semelhança dos resultados obtidos no Reino Unido (PEEP, 2010), progressos significativos na compreensão verbal, vocabulário, consciência fonológica, escrita, conceitos numéricos precoces e auto-estima na criança, simultaneamente com a capacitação dos pais na procura de emprego ou para o regresso à escola, na ajuda prestada no desenvolvimento da literacia dos filhos e ainda no proporcionar de um ambiente com maiores potencialidades de interação e aprendizagem. Actualmente encontra-se em curso a avaliação do impacto do Projecto *A Par* em Portugal (A PAR).

Do Projecto à investigação – o porquê de estudar esta área

O *A Par* avalia pais e crianças em idade pré-escolar, desde a Conduta Social e a Emotividade, Actividade e Sociabilidade ao nível da criança, passando pelo Apoio Social, pela Interação Pais-Filhos, Gratificação Parental, e a Depressão Pós-Parto ao nível dos pais. Estes são os instrumentos que estão em fase de adaptação e avaliação. Além da avaliação sócio-emocional, é avaliado também, o desenvolvimento cognitivo e da linguagem, na criança.

Nesta investigação, porém, centrámo-nos em três das variáveis de avaliação parental. Não só porque pretendíamos aprofundar os conhecimentos nesta área mas também devido à constante mutação que tem havido do conceito “família” ao longo do tempo. Na verdade, em 2000, Portugal, tal como Espanha e Irlanda, era um dos países da União Europeia com maior dimensão média da família, com valores aproximados de três pessoas, superiores à média comunitária de 2,4 pessoas (Eurostat, 2002 cit. por INE, 2004a). No entanto, entre 1991 e 2001, num estudo comparativo do INE (2004a), verificou-se um aumento no número de famílias com agregado de uma a três pessoas, contrapondo as famílias de quatro ou mais pessoas que reduziram a sua incidência. O que nos levantou algumas questões como: que tempo os pais despendem no contacto com os filhos? Que prazer tiram dessa interacção? E, que apoios recebem do meio em que se inserem? Daí, para ir mais a fundo, partimos para a nossa questão inicial: *Que relações podemos encontrar entre a gratificação parental, as actividades de interacção pais-filhos e o apoio social?*

Para responder a esta questão, uma vez que estes são instrumentos de avaliação quantitativa, ainda em fase de adaptação, dedicámo-nos inicialmente à análise de

validade interna e de dimensões das duas escalas e um questionário que aqui estão integrados. Passando depois para a análise de possíveis relações entre os instrumentos, as suas dimensões, e algumas variáveis sócio-demográficas recolhidas.

Assim, no campo teórico pretende-se fazer uma breve revisão da literatura, sobre os conhecimentos, até ao momento, focando-se na medida do possível nas idades pré-escolares, em relação aos três tópicos principais que vão ser aqui alvo de análise: o Apoio Social e a sua influência na vida das pessoas, a Interação Pais-Filhos e a Gratificação dos pais enquanto estão com os seus filhos.

No campo metodológico, este estudo tem como objectivo a análise da validade interna de três instrumentos, duas escalas directamente relacionadas com a parentalidade, uma sobre as actividades desempenhadas pelos pais em conjunto com os filhos e outra sobre o prazer que retiram no desempenho de certas rotinas de cuidado diário da criança, e um questionário mais relacionado com o suporte social.

No campo pragmático, os resultados da presente investigação poderão contribuir para gerar novas ideias. Através da exploração de fenómenos pretendem-se gerar hipóteses e descobrir relações. Também acrescentar conhecimentos, ao clarificar ligações estruturais entre estes processos e desta forma enriquecer o conhecimento de base. O impacto social que se pretende que daqui advenha passa pelo desenho de prioridades por exemplo, ao nível dos apoios fornecidos às famílias, mas também suscitar interrogações, de forma a melhorar práticas sociais e de intervenção junto das famílias. Objectivando ainda, informar, esclarecer e descrever o presente. Tendo como base a testagem de novas ideias através do levantamento de questões sobre uma área de investigação em franco crescimento.

Para isto, num primeiro capítulo centramo-nos na recolha de informação de fundamentação desta área de investigação. No segundo, é apresentada a metodologia de investigação, bem como as questões de investigação, objectivos e o quadro conceptual. Num terceiro dedicamo-nos à explanação dos resultados obtidos, que são discutidas num quarto capítulo, até por fim mencionaremos aquelas que nos parecem ser as principais limitações deste estudo, bem como as perspectivas futuras de pesquisa e aquilo que pensamos ter conseguido alcançar.

1. Enquadramento Teórico das Variáveis em Estudo

Neste capítulo pretende-se enquadrar a literatura mais pertinente referente à Gratificação Parental, Actividades de Interação Pais-Filhos e Apoio Social para a compreensão da presente investigação, integrada no estudo da parentalidade.

A parentalidade tem algumas características que a tornam única: a sua irreversibilidade e a constante mutação, ou seja, cada estágio do desenvolvimento dos filhos, tem de ser acompanhado por uma adaptação de expectativas, sentimentos, comportamentos e preocupações dos pais (Cruz, 2005), é por isso um desafio que exercita várias incertezas e dúvidas numa trajetória imprevisível. As práticas educativas familiares são preferências globais de comportamento dos pais ou figuras de autoridade relacionadas com as estratégias educativas aplicadas aos filhos. As práticas, possuem como característica, a bidireccionalidade nas relações pais-filhos, devido ao facto de os actos dos pais gerarem consequências sobre os filhos, assim como o contrário se passar (López, Palacio & Nieto, 2007). Além disso, apresentam a singularidade de que são exclusivas e específicas de cada família, e por sua vez, são semelhantes às que utilizam as outras famílias que pertencem ao mesmo grupo sócio-cultural (Coll, Miras, Onrubia & Sole, 1998 citado por López, Palacio & Nieto, 2007).

É também neste momento que a família começa a ganhar outro sentido e assim passamos a ter a família enquanto um sistema constituído por um conjunto de unidades organizadas e interdependentes. As famílias estão, ligadas entre si por regras de comportamento e por uma série de funções dinâmicas em constante interacção e intercâmbio, Estão também distintas, por serem constituídas por subsistemas (conjugal, fraternal e parental); por serem um sistema aberto auto-regulado por sistemas de interacção; e por último, a continuidade e transformação deste sistema ser feito em interacção com os outros (Andolfi, 1984, cit. por López, Palacio & Nieto, 2007).

A parentalidade enquanto conjunto de acções iniciadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos parentais) junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utiliza os recursos de que dispõe dentro – na família – e fora – na comunidade –, é assim, composta por uma série de funções. A primeira baseia-se na satisfação das necessidades básicas da criança, de saúde e sobrevivência. A segunda é a disponibilização à criança de um mundo físico organizado e previsível com rotinas que possam ser, de certa forma, antecipadas. A terceira é a resposta a necessidades de compreensão das realidades extra-familiares, pois é através

dos pais que a criança tem o seu primeiro contacto com o mundo físico e social que a rodeia. A quarta função, refere-se à satisfação de necessidades de afecto, confiança e segurança que lhe permitem construir relações de vinculação. Finalmente, a quinta função, diz respeito à necessidade de interacção social da criança para a sua adequada integração na comunidade (Cruz, 2005). É, assim, neste momento exigido aos pais que desempenhem diferentes papéis: desde parceiros de interacção (da brincadeira, à disciplina e rotina), tal como instrutores directos (face a situações de resolução de problemas) e, ainda, como preparadores e disponibilizadores de oportunidades de estímulo e aprendizagem em contextos externos à família, quer na escolha do contexto educativo e das actividades extra-curriculares, quer na criação de oportunidades para a criança aceder a grupos de pares (Cruz, 2005).

Apesar de a mãe ser o cuidador primário mais frequente, estudos realizados sobre a parentalidade masculina demonstraram que os homens são tão capazes como as mulheres de se comportarem de uma forma sensitiva, responsiva¹ e estimulante com bebés e crianças (Belsky, 1979; Conner, Knight & Cross, 1997; Lamb, 1997 cit. por Ryan, Martin & Brooks-Gunn, 2006). Ou seja, tal como com as mães, a sensibilidade, a responsividade, e a estimulação dos pais prediz resultados cognitivos melhores para bebés e crianças pequenas (Black, Dubowitz & Starr, 1999; Kelley, Smith, Green, Berndt & Rogers, 1998; Lamb, 1997; Shannon, Tamis-LeMonda, London & Cabrera, 2002; Tamis-LeMonda, Shannon, Cabrera & Lamb, 2004; Yogman, Kindlon & Earls, 1995, cit. por Ryan, Martin & Brooks-Gunn, 2006; Malpique, 1990, cit. por Taborda & Fonseca, 2007).

Os investigadores têm descrito consistentemente o comportamento parental com base em duas dimensões principais: o apoio e o controlo (Maccoby e Martin, 1983; Rollins e Thomas, 1979, cit. por Paulussen-Hoogeboom *et al.*, 2008). O *controlo* refere-se ao número e tipo de exigências impostas ao filho (i.e., clareza e consistência das regras, expectativas e punição). O *apoio* remete para um lado mais afectivo e caloroso da relação, incluindo o carinho ou cuidado, e a comunicação (Fagot, 1995; Bee, 2003).

O que daqui advém é que a parentalidade apoiante, da mãe e do pai (independentemente) prediz melhores resultados do desenvolvimento do bebé e da criança pequena. Desta forma, crianças que têm pelo menos um pai apoiante (*supportive*

¹ Sensitiva é a capacidade dos pais para serem sensíveis aos sinais comunicativos da criança. Responsividade é quando a mãe e o pai respondem, por ex., aos sons do bebé com diálogo, ou seja, percebem de forma adequada os sinais da criança e reagem às suas necessidades (alguns autores encaram estes dois conceitos como sinónimos; Ainsworth e Marvin, 1995; Sroufe, 1996 cit. por Bee, 2003).

no original) têm níveis mais elevados na avaliação cognitiva, independentemente do género do pai, do que aqueles sem nenhum apoio (Ryan, Martin & Brooks-Gunn, 2006).

Além disso, os comportamentos parentais das mães e dos pais, independentemente, influenciam o desenvolvimento da criança (Ryan, Martin & Brooks-Gunn, 2006). Mas os referentes psicológicos não são apenas resultado da interacção organismo-meio ambiente imediato, são também, consequência do contexto social e da história colectiva que intervém neste processo (Vigotsky, 1979 cit. por López, Palacio & Nieto, 2007). Neste sentido o presente estudo pretende analisar duas dimensões da parentalidade, a gratificação parental e a interacção pais-filhos, bem como a sua relação com o contexto social de apoio à família.

1.1 - A Gratificação Parental

A Gratificação Parental é a medida em que os pais avaliam as actividades de cuidado e/ou interacção com o filho como sendo gratificantes (Fagot, 1995). A teoria da interacção familiar assume que são estes intercâmbios entre os familiares – o momento-a-momento – que formam as bases das relações pais-filhos (Fagot & Kavanagh, 1993).

Uma investigação (Pleck, 1997 cit. por Leve, Scaramella & Fagot, 2001), sugeriu que as mães realizam mais tarefas diárias de cuidado da criança comparativamente com os pais. Noutra, que comparava mães biológicas com adoptivas, as mães adoptivas, à semelhança das biológicas, consideram as responsabilidades rotineiras de cuidado da criança como sendo mais satisfatórias (Simons, McClusky & Mullett, 1985 cit. por Leve, Scaramella & Fagot, 2001). Isto parece indicar que o envolvimento em actividades de cuidado infantil está correlacionado positivamente com a gratificação dos pais no desempenho dessas actividades (Leve, Scaramella & Fagot, 2001).

Patterson (1982 cit. por Fagot & Kavanagh, 1993) sugeriu que também as variáveis do ambiente familiar (como o ajustamento conjugal, *stress* e percepções parentais da criança) podem servir como precursores, para o desenvolvimento de ferramentas de parentalidade, e como resultados, de sucessos e falhas com a criança. Por exemplo, um ajustamento conjugal pobre pode afectar o desenvolvimento de boas ferramentas de parentalidade e os problemas da criança resultantes dessa parentalidade podem, por sua vez, afectar o ajustamento conjugal (Lamb, 1992, cit. por Taborda & Fonseca, 2007).

Como foi mencionado, à medida que a criança cresce, vão sendo impostas outras exigências à relação parental que a tornam gradualmente mais complexa (Cruz, 2005).

Neste sentido, Fagot (1995) defende que a dimensão *controlo* se torna progressivamente mais importante balanceando, por outro lado, não apenas uma relação de suporte emocional positivo ou *apoio*, como também o ser capaz de responder a novas exigências da criança. Como Waters *et al.* (1991 cit. por Fagot & Kavanagh, 1993) sugere, as tarefas da parentalidade mudam de acordo com a ida da criança para o segundo ano de vida, por exemplo, os pais dão mais instruções e direcções aos filhos de dezoito meses do que aos filhos com doze meses. Isto é, as crianças com doze meses são mais passivas e esperam por ser estimuladas aproximadamente metade do tempo. Por sua vez, as crianças de dezoito meses dispendem quase metade do seu tempo em tentativas de comunicação. Se, por um lado, a comunicação pode ser considerada um comportamento positivo, por outro lado, também invoca uma resposta imediata dos pais, o que se pode tornar extremamente difícil para pais ocupados (Fagot & Kavanagh, 1993). Os pais de *toddlers* (crianças entre um e três anos) acham necessário usar mais instruções e direcções quando lidam com os seus filhos do que os pais de bebés (até um ano de idade). Estas reacções podem ser vistas, pelos pais, como mais conflituosas e, conseqüentemente, são reportadas como menos gratificantes no cuidado da criança. O que nos indica que, a parentalidade a partir destas idades, não é mais o “simples” *feedback* positivo no cuidado e comportamentos de brincar mas apela para uma gestão real da criança, em que a interacção puramente positiva, como existia até então, decresce (Fagot & Kavanagh, 1993).

Enquanto a sensibilidade do cuidador parece ter um importante papel no desenvolvimento da vinculação² durante o primeiro ano, a parentalidade torna-se mais complexa durante o segundo e terceiro anos de vida e, como referido, novas ferramentas são necessárias (Fagot & Kavanagh, 1993). Lamb *et al.* (1985 cit. por Fagot & Kavanagh, 1993), reportaram que as variáveis do ambiente familiar, como o *stress* ou o ajustamento conjugal, podem chegar mesmo a afectar a classificação de vinculação da criança: se uma família tem um elevado nível de *stress*, a criança será tendencialmente classificada como insegura. O *stress* pode ser interpessoal como reflexo do ajustamento conjugal, ou mais externo, como *stress* financeiro. Tanto a mãe como o pai, neste caso, parecem ter a percepção de que a criança insegura, particularmente resistente, tem um temperamento mais difícil e os pais dizem que sentem menos prazer em lidar com elas.

² A vinculação é a ligação emocional recíproca e duradoura entre o bebé ou criança e a figura parental, na qual cada um contribui para a qualidade da relação, tem um grande valor adaptativo para o bebé, por lhe assegurar a satisfação de necessidades psicossociais e físicas (Papalia, Olds e Feldman, 2001).

Isto significa que o temperamento³ da criança é estável com a idade, mas a gratificação que os pais tiram no cuidado da criança varia conforme a sua idade (Fagot & Kavanagh, 1993). Além de estável com a idade, o temperamento parece ser inato e em grande parte hereditário (Braungart, Plomin, DeFries & Fulker, 1992; Emde *et al.*, 1992; Schmitz, Saudino, Plomin, Fulker & DeFries, 1996; Thomas & Chess, 1977, 1984 cit. por Papalia, Olds e Feldman, 2001).

Considerando a ligação entre o temperamento e a parentalidade, no geral, o temperamento difícil da criança correlaciona-se positivamente com uma baixa satisfação e uma baixa auto-eficácia no desempenho da parentalidade: quanto mais o temperamento, da criança, é percebido como difícil, mais baixa é a percepção de auto-eficácia da mãe (Gross, *et al.*, 1994 cit. por Leve, Scaramella e Fagot, 2001). Perante isto, as dificuldades temperamentais também estão relacionadas com uma relação pais-filhos mais tensa (Stoker, 1995; Bezirgianian & Cohen, 1992 cit. por Leve, Scaramella & Fagot, 2001). Além de complicar a relação pais-filhos, um temperamento difícil da criança de três e quatro anos, como vimos, pode também causar pressão na relação conjugal (Sheeber & Johnson, 1992 cit. por Leve, Scaramella & Fagot, 2001). Assim, uma criança com um temperamento difícil pode trazer *stress* à relação conjugal, o que faz decrescer a gratificação do pai no desempenho de tarefas de cuidado do dia-a-dia. Para o pai, o temperamento difícil da criança pode afectar adversamente a relação conjugal, o que, por sua vez, pode levar a um decréscimo da gratificação parental. Para a mãe, o temperamento difícil da criança pode afectar directamente a satisfação no desempenho de actividades de cuidado da criança, uma vez que quando a mãe se sente satisfeita amorosa e pessoalmente estará mais disponível para uma relação afectuosa com a criança (Leve, Scaramella & Fagot, 2001; Coimbra de Matos, 2002 cit. por Taborda & Fonseca, 2007). As dificuldades dos pais em lidar com o temperamento da criança estão assim correlacionadas positivamente com uma menor satisfação e um menor sentimento de auto-eficácia no seu desempenho parental (Leve, Scaramella & Fagot, 2001). Além disto, a gratificação parental, surge como estando correlacionada positivamente com baixos níveis de *stress* familiar, boa qualidade das relações conjugais e elevados níveis de humor (Fagot, 1995).

Verificámos que o envolvimento em actividades de cuidado se relaciona com a Gratificação Parental e que esta é mutável ao longo do desenvolvimento da relação pais-

³ Entende-se por temperamento o modo característico de reagir a pessoas ou situações (Thomas & Chess, 1984 cit. por Papalia, Olds & Feldman, 2001).

filhos. No entanto na investigação, parece haver uma maior ênfase dos estudos em características mais negativas do comportamento, no que se refere às idades pré-escolares. Neste sentido parece haver uma lacuna em termos de investigação sobre a Gratificação Parental em idades pré-escolares, com um foco em aspectos mais positivos do desenvolvimento da criança.

1.2 - Actividades de Interação Pais-Filhos

O impacto do comportamento parental no ajustamento do comportamento da criança tem gerado muita investigação que demonstra uma forte associação entre a parentalidade negativa (i.e., hostilidade, disciplina inconsistente e punitiva) e as desordens do comportamento entre as crianças mais pequenas (Williams & Forehand, 1984; Dumas & Wahler, 1985; McFadyen-Ketchum, Bates, Dodge & Pettit, 1996, cit. por Evangelou, Brooks, Smith & Jennings, 2005; Dumas & Pettit, 1996, cit. por Chandani, Prince & Scott, 1999; Nix, Pinderhughes, Dodge, Bates, Pettit & McFadyen-Ketchum, 1999). Estudos que investigam o comportamento na infância e certos domínios da parentalidade mostraram associações consistentes, com as interações pais-filhos em idade pré-escolar (Patterson, 1986; Loeber & Dishion, 1983 cit. por Chandani, Prince & Scott, 2003). No entanto têm-se baseado mais no impacto das relações pais-filho negativas e não nas positivas no desenvolvimento social da criança nestas idades (Walsh, 1982; Gardner, 1987, cit. por Chandani, Prince & Scott, 2003).

Ao longo do segundo ano de vida, as crianças tornam-se cada vez mais autónomas e aumenta consideravelmente a sua capacidade de afirmação pessoal, deixando os pais, por esta altura, de ser meros agentes de socialização aceitantes e facilitadores do desenvolvimento da criança e passando a adoptar uma atitude mais restritiva, por vezes mais disciplinadora e nem sempre afectuosa. Assiste-se, assim, neste período, a uma mudança de perspectiva em que a criança já não vê todos os seus pedidos satisfeitos, provocando uma tensão na interacção se esta não for bem gerida (Cruz, 2005).

As actividades de interacção pais-filhos são ocasiões que podem servir como mediadores a esta tensão causada pelo crescimento da criança, em que a mãe ou o pai, e a criança se envolvem na mesma tarefa ou no mesmo jogo, em actividades lúdicas (como cantar, fazer *puzzles*, brincar ao faz-de-conta); ou educativas (por exemplo desenhar, ler, ensinar ou conversar com a criança); ou outras, diferentes das tarefas básicas, inerentes às funções de cuidar dos filhos. São, também, actividades de

interacção positiva com os filhos e não ocasiões punitivas ou claramente negativas, em que, tanto pais como filhos, estão juntos e envolvidos no desempenho de uma tarefa em comum (Chandani, Prince & Scott, 1999). Estas ocasiões providenciam, então, uma oportunidade para que pai e/ou mãe e filho interajam de uma forma relaxada e positiva.

O tempo dispendido com os pais é importante para a socialização, desenvolvimento de relações e aprendizagem das tarefas diárias apropriadas, na criança pequena (Chandani, Scott & Prince, 2003). Daquilo que se sabe ser a realidade portuguesa, das três horas diárias dedicadas, em média, para o trabalho doméstico e os cuidados à família, cada família dispndia em média uma hora e vinte minutos em cuidados regulares às crianças (refeições, higiene, etc.), outra hora era ocupada com cuidados físicos e vigilância às crianças, e os restantes quarenta minutos eram ocupados com actividades relacionadas com o acompanhamento da vida escolar e a outras actividades como brincar, ler, conversar e jogar com as crianças (INE, 2004b). Sendo a prestação de cuidados regulares e a vida escolar mais acompanhada pelas mulheres e as actividades de lazer, entretenimento (brincar, levar ao cinema, teatro ou concertos) e “levar os filhos ao médico” asseguradas maioritariamente pelos homens (INE, 2000).

A teoria da vinculação, como vimos, propõe que a criança experiencie afecto, sensibilidade e responsividade, com uma base segura, de forma a permitir um desenvolvimento emocional óptimo (Greenberg, Speltz & Deklyen, 1993; Lyons-Ruth, Alpern e Repacholi, 1993, cit. por Chandani, Scott & Prince, 2003). Existem muitos estudos longitudinais acerca das consequências dos padrões de vinculação infantil, estendidos, agora, à adolescência mais tardia. Ainsworth *et al.* (1978 cit. por Martins, 2007) descreveram um conjunto de crianças que procuram activamente proximidade e interacção com a figura de vinculação, tal como a manutenção do contacto físico, depois de obtido, sobretudo, nos episódios de reunião (i.e., utilizam a mãe como abrigo seguro). As crianças, com uma vinculação segura, são em geral mais competentes com os grupos de pares (e.g., Lieberman, 1977), mais auto-confiantes (e.g., Erickson, Sroufe & Egeland, 1985), mais competentes a resolverem problemas (e.g., Arend, Gove & Sroufe, 1979), e menos vulneráveis a terem problemas de comportamento (e.g., Lyons-Ruth, Alpern & Repacholi, 1993) comparativamente com as crianças com uma vinculação insegura (estudos cit. por Madigan, Ladd & Goldberg, 2003).

Num estudo realizado (Martins, 2007) na zona do Grande Porto, foi analisado o papel de alguns antecedentes da qualidade da vinculação aos 12/16 meses (nível de desenvolvimento, temperamento, disponibilidade emocional e qualidade da regulação

emocional diádica). As crianças inseguras e evitantes, foram percebidas pela mãe como sendo mais “apáticas” (i.e., menos activas ou calmas, com menor emocionalidade positiva ou mais sérias e que sorriem ou palram menos do que a maioria dos bebés), e como tendo um temperamento mais difícil do ponto de vista da resistência demonstrada no contacto com o outro (i.e., com menor responsividade social: gostam menos de ser pegadas ao colo ou respondem de forma menos entusiasta à interação social; Fagot & Kavanagh, 1993; Martins, 2007).

Gardner (1987, 1994 cit. por Chandani, Prince, & Scott, 1999) afirmou que o que previne esses problemas de comportamento, menos prováveis de aparecerem nas crianças com uma vinculação segura, não é apenas a quantidade de tempo passado em actividades de interação pais-filhos, mas também a qualidade da interação. Embora muitos factores estejam implicados no desencadeamento de patologias do foro psicológico, a baixa qualidade da relação pais-filhos tem sido repetidamente enfatizada como podendo estar na origem do desenvolvimento de problemas psicossociais. (Belsky, 1984; Sroufe, 1997 cit. por Wiggins, Sofronoff & Sanders, 2009). Efectivamente, parece ser o contexto lúdico, o fundamental para avaliar as características da interação pais-filhos relacionadas com a qualidade da vinculação (Grossmann et al., 2002; Grossman, Grossman & Kindler, 2005 cit. por Martins, 2007).

Neste sentido, alguns autores (Dunn & Kendrick 1982; Pettit & Bates, 1989 cit. por Chandani, Prince & Scott, 1999; Chandani, Prince & Scott, 2003) consideram que a falta de actividade de interação pais-filhos está também associada a problemas de comportamento em crianças de idade pré-escolar. Por seu lado, elevados níveis de actividades de interação podem actuar como amortecedores (do original *buffer*), reduzindo o risco na presença de adversidades na família. Esta conclusão é consistente com o que a literatura da resiliência mostrou como sendo um factor protector contra os comportamentos problemáticos em famílias com elevado nível de *stress*, com crianças em idade pré-escolar (Masten *et al.*, 1988; Pettit *et al.*, 1997 cit. por Chandani, Prince & Scott, 2003). No entanto é preciso ter em conta que as conclusões deste estudo podem não ser generalizáveis a outras culturas com outros sistemas familiares e de valores, especificamente para culturas em que existe a presença da família alargada e menor responsabilidade no cuidado da criança (Auerbach, Yirmiya & Kamel, 1996 cit. por Chandani, Prince & Scott, 2003), deve ser realizada uma validação transcultural do conceito e uma avaliação das actividades de interação pais-filhos.

De qualquer forma, parece ser unanimemente apoiada, a ideia de que actividades de interacção mães-filhos mais frequentes invocam mais comportamentos socialmente desejáveis por parte da criança, e, conseqüentemente, inibem o desenvolvimento de comportamentos problemáticos (Chandani, Prince & Scott, 2003). Acerca disto, num estudo realizado para aprofundar o conhecimento sobre a evolução dos padrões de interacção familiares durante os anos precoces da infância, mais especificamente ao nível da avaliação da continuidade dos estilos de interacção familiar positiva e negativa e a sua relação com o desenvolvimento, na criança, de problemas de comportamento, concluiu-se que a parentalidade positiva, aos três anos de idade, funciona como um factor protector no comportamento problemático mais tarde, mesmo que exista um nível inicial de comportamentos problemáticos (Pettit & Bates, 1989). São consideradas como práticas de parentalidade positiva, algumas características como afecto, sensibilidade e responsividade da relação. Práticas de parentalidade negativas incluem a disciplina inconsistente e relações hostis (Chandani, Prince & Scott, 2003).

Ainda não há muita literatura no que concerne ao uso da parentalidade positiva, e envolvimento pró-activo. Holden (1985 cit. por Pettit & Bates, 1989) indica que o comportamento parental positivo pode inibir a expressão de negatividade na criança. O que sugere que este comportamento positivo pode criar uma espécie de ligação afectiva entre os pais e a criança. Quando a dimensão *controlo* é utilizada pelo menos por um dos pais a criança torna-se mais responsiva. O envolvimento positivo pode baixar a tendência da criança se envolver em problemas, porque está ocupada mais vezes, e assim tem uma menor necessidade de atenção (Pettit & Bates, 1989). Desta forma as actividades de interacção entre pais e filhos parecem ter um efeito positivo e preventivo na expressão comportamental dos filhos (Chandani, Prince & Scott, 1999).

Um exemplo ilustrativo disto é-nos dado por Bates, Lounsbury e Klein (1976 cit. por Pettit & Bates, 1989) que observaram alguns pais que negam os pedidos de certos artigos, aos filhos, numa loja, com uma mínima explicação voluntária sem ser só um “não” têm menos tendência para gerar conflitos. Assim, Kuczynski (1984 cit. por Pettit & Bates, 1989) referiu que uma forma de envolvimento pró-activo, a conversação materna, é usada por algumas mães como estratégia a longo prazo de socialização para elicitare a obediência da criança. Neste seguimento, alguns estudos argumentaram que um envolvimento parental pró-activo pode proporcionar um contexto importante de desenvolvimento social para a prevenção de comportamentos problemáticos na infância (Holden, 1985; Kuczynski, 1984; Maccoby, 1983, cit. por Pettit & Bates, 1989). Este

envolvimento pode tomar a forma de guias antecipatórios da criança, monitorização das suas actividades, expressão de afecto e educação pais-filhos (Pettit & Bates, 1989).

A investigação da parentalidade positiva e as diferenças de comportamento pró-social, entre crianças abusadas e não abusadas (*abused* e *non-abused* no original; Kavanagh, Youngblade, Reid & Fagot, 1988) sugere que os pais abusivos, não vêem ou falham, na resposta aos comportamentos positivos na criança e, assim, há um decréscimo das interações positivas, e os resultados positivos não são encorajados. Ainda neste estudo, foram encontradas diferenças significativas na quantidade de conversação (envolvimento pró-activo através do diálogo positivo) realizado pelas crianças abusadas e não abusadas, em que havia uma tendência das crianças abusadas para falarem menos do que as não abusadas. Também os pais não abusivos tinham maior tendência para responder positivamente à conversa da criança. Mas as crianças abusadas revelaram a mesma tendência das crianças não abusadas para reagirem positivamente ao comportamento parental positivo. Neste sentido, estes resultados indicavam que os pais não abusivos emitiam significativamente mais respostas positivas a qualquer comportamento do seu filho. Ou seja, os pais abusivos mostraram uma parentalidade significativamente menos positiva do que os pais de controlo, e respondiam significativamente menos às tentativas de interacção da criança. O que, segundo Disbrow, Doerr e Caufield (1977, cit. por Kavanagh *et al.*, 1988), sugere que as tendências parentais abusivas para serem negativas e hostis contribuem para uma redução de trocas afectivas positivas. Isto torna-se evidente mesmo em situações em que foram avaliadas as (baixas) capacidades cuidadoras das mães abusivas durante situações de alimentação e uma inaptidão para oferecer a estimulação adequada aos seus filhos em situações de brincadeira não estruturada (Dietrich, Starr & Kaplan, 1980; Egeland, Breitenbucher & Rosenberg, 1980 cit. por Kavanagh *et al.*, 1988).

Noutro estudo, Mash, Johnston e Kovitz, (1983 cit. por Kavanagh, *et al.*, 1988), verificaram que as mães abusivas eram mais directivas e controladoras em situações de brincadeira estruturadas do que nas não-estruturadas. E que esta direcção não estava relacionada com o comportamento da criança. O que sugere uma inaptidão da parte dos pais abusivos para seguir correctamente o comportamento. Também outros autores (Crittenden, 1981; Burgess, Anderson, Schellenbach & Conger, 1981 cit. por Kavanagh, *et al.*, 1988) encontraram resultados semelhantes, isto é, documentaram a baixa reciprocidade entre o que a criança faz e o que a mãe responde.

Crittenden (1985 cit. por Kavanagh, *et al.*, 1988) relatou que a falta de referenciação social se estende a relações extra-familiares e que os pais maltratantes pertencem a grupos de apoio social instáveis e variáveis, sugerindo pobres capacidades de manutenção de amizades. Outro aspecto muito interessante da influência social é o facto, tanto das interações pai-criança como mãe-criança, de estas apresentarem características diferentes conforme os principais intervenientes estão a sós, na presença da outra figura parental ou com outros adultos, isto é: quando pai e mãe estão com a criança, a mãe fala e joga menos com a criança, utiliza menos verbos de controlo e intervém menos na actividade desta do que quando está sozinha (o que parece indicar que uma vez presente, a mãe tende a deixar o pai ocupar um papel mais central ou a repartir com ele a responsabilidade pelo comportamento da criança). Por outro lado, quando a mãe está sozinha não só interage mais, como interage de forma mais positiva, ou seja, é mais directiva, responsiva, envolvida e reforçante para com o filho (Clarke-Stewart, 1978; Lytton, 1979 cit. por Cruz, 2005). Como mencionado, também o número de adultos presentes é um factor que provoca a diminuição na frequência das interações com a criança, já que estes têm tendência a procurar nos outros os alvos da interacção (Cruz, 2005). Por seu lado, também na criança há diferenças: quando pai e mãe estão presentes, a criança obedece mais às suas directrizes, particularmente da mãe, sugerindo, que a presença do pai, que apoia (de forma verbal ou não-verbal) a mãe, imprime autoridade às ordens desta (Cruz, 2005). E, aqui, também os julgamentos de outras pessoas significativas podem servir como uma importante fonte de informação.

O apoio de terceiros também se pode revelar bastante útil no caso das intervenções preventivas primárias e secundárias, que incluem um forte elemento de promoção das actividades de interacção pais-filhos, Estas ajudam os pais a ganharem competências que levam a melhorias significativas ao nível tanto do comportamento dos filhos como dos pais (Webster-Stratton, 1981, 1998; Scott, Spender, Doolan, Jacobs & Aspland, 2001 cit. por Chandani, Prince & Scott, 2003). Algumas variáveis sociais e familiares – como os estudos da mãe e do marido ou parceiro, a qualidade da sua relação e a saúde mental materna – são conhecidos por estarem associados com os comportamentos parentais (Bank, Forgatch, Patterson & Fetrow, 1993; Fox, Donald & Kathleen, 1995; Pettit, Bates & Dodge, 1997, cit. por Chandani, Prince & Scott, 2003). Desta forma, foram encontradas (Chandani, Scott & Prince, 2003) diferenças entre o estado civil das mães – solteiras/casadas ou coabitantes – em que as primeiras apresentavam substancialmente menos actividades de interacção com os filhos. E a ocupação das mães

– empregada/desempregada – em que as mães empregadas desempenhavam significativamente menos actividades educativas (como desenhar e ler).

Vimos que a realização de actividades conjuntamente com os filhos permite aos pais lidarem com a parentalidade de um ponto de vista mais positivo. Estas actividades são parte integrante do desenvolvimento social das crianças, pois é através delas que a criança pode aprender que existem regras aplicadas a diferentes contextos. Podem funcionar como desbloqueadores de tensão e em simultâneo como elos unificadores do sistema pais-filho. Neste sentido, era interessante analisar a relação da interacção pais-filhos especificamente numa idade pré-escolar com a gratificação parental.

1.3 - O Apoio Social

No princípio dos anos 80, Walsh (1982, cit. por Pettit & Bates, 1989) chamou a atenção sobre a qualidade da relação entre os pais e os filhos, que, teoricamente, tem um impacto negativo no desenvolvimento social, mais do que aquelas que podem ter um impacto positivo. Ao longo dos últimos vinte anos, tem havido uma proliferação de estudos sobre parentalidade e, hoje, sabe-se que os comportamentos de parentalidade positiva desempenham um papel crucial no processo de socialização. Como acima referido, é exigido aos pais que desempenhem diferentes papéis, não apenas enquanto parceiros de interacção, como também na criação de oportunidades para a criança aceder a grupos de pares (Cruz, 2005). Ou seja, não só se pede aos pais que interajam com a criança de forma construtiva, como o façam em simultâneo com a preparação para esta se virar para o mundo exterior, fornecendo e demonstrando, para isso, uma série de relações intra e extra-familiares das quais também ela é convidada a fazer parte.

O conceito de apoio social parece ser, segundo Sarason (1981) importante, embora que vago, pois de entre os significados deste termo estão: a afeição (gostar, amor), a ajuda (assistência material, dinheiro), e a afirmação (aceitação, reconhecimento, aprovação). Para responder a esta imprecisão, Sarason, Levine, Basham e Sarason, (1983) propuseram que o apoio social fosse definido como a existência ou disponibilidade de pessoas nas quais podemos confiar, pessoas que sabemos que se preocupam, valorizam e gostam de nós.

O apoio social é uma área de investigação que tanto abrange aspectos sociais mais objectivos tais como, número de amigos, frequência de contactos, intensidade de contactos, existência ou não de amigos íntimos, redes sociais (contactos sociais mesmo

que não com amigos), como a aspectos subjectivos, por exemplo, a percepção que o indivíduo tem da adequação, e a satisfação com a dimensão social da sua vida (Berkman, 1984; Bruhn & Philips, 1984; Cassel, 1976; Cobb, 1976; Cohen, 1988; Kaplan, *et al.*, 1977; Taylor, 1990 cit. por Ribeiro, 1999).

Intrinsecamente ligado ao conceito de apoio social está a teoria da vinculação de Bowlby, já antes abordada (1969, 1973, 1980, cit. por Sarason, 1981), na medida em que os humanos de todas as idades estão mais felizes e sentem-se mais eficazes quando têm confiança que alguém os vai ajudar perante as dificuldades. Estas pessoas confiantes dão uma base de segurança a quem opera e constituem apoio social para o indivíduo. O que significa que, quando o apoio social, sob a forma de uma figura de vinculação, está disponível, por exemplo, na vida precoce, as crianças se tornam auto-confiantes, aprendem a funcionar como apoios para terceiros e têm um decréscimo na tendência para virem a desenvolver problemas do foro psicossocial; e, ainda, que a disponibilidade de apoio social fortalece a capacidade de aguentar e recuperar das frustrações e desafios de resolução de problemas (Sarason *et al.*, 1983). Além disso, quanto mais segura for a vinculação da criança ao cuidador, mais fácil parecerá à criança, tornar-se independente dele e desenvolver boas relações com os outros (Papalia, Olds & Feldman, 2001). Por exemplo, Bronfenbrenner (1961 cit. por Sarason, *et al.*, 1983) concluiu que a responsabilidade e a liderança, em rapazes e raparigas de dezasseis anos, estavam relacionadas com os padrões de interação familiar: os adolescentes que mostravam níveis elevados nestes parâmetros, comparativamente com os mais baixos, descreviam os pais como sendo mais afectuosos e apoiantes.

Sabe-se que o apoio social contribui, tanto para o ajustamento positivo e o desenvolvimento pessoal adequado, como funciona como amortecedor (do original *buffer*; Sarason *et al.*, 1983) contra os efeitos do *stress*. O apoio social (Rodin & Salovey 1989, cit. por Ribeiro, 1999; Sluzki, 1996) alivia o *stress* em situação de crise, pode inibir o desenvolvimento de doenças e, quando o indivíduo está doente, tem um papel positivo na recuperação da doença. Noutro estudo interessante (Murphy & Moriarty, 1976 cit. por Sarason, *et al.*, 1983) concluiu-se que a disponibilidade de apoio familiar aumenta a resiliência das crianças perante o *stress*, no mesmo sentido. Nesta mesma linha, Sandler (1980 cit. por Sarason, *et al.*, 1983) descobriu uma relação significativa, colocando o *stress* num prato da balança e o apoio social no outro, de modo que um desequilíbrio entre eles poderia levar a um mal-ajustamento da criança.

Numa investigação realizada na Índia (Sinha & Nayyar, 2000), sobre os efeitos do auto-controlo e do apoio social comparadas em zonas de grande e baixa densidade, os participantes com apoio social elevado avaliaram o seu ambiente de habitação como mais espaçoso, confortável e relaxado. Os resultados revelaram que um aumento do apoio social fazia baixar os requisitos de espaço pessoal e as pessoas aparentam ser mais resistentes aos reveses psicológicos dos efeitos do *stress* ambiental. A interacção significativa de Densidade \times Auto-controlo \times Apoio Social, indicaram que o auto-controlo e o apoio social ajudavam os participantes a adaptar-se mais favoravelmente ao seu ambiente familiar (mais denso) e reduzia a importância da situação de tal maneira, que percepcionavam ter controlo sobre o *stress* (Sinha & Nayyar, 2000).

Outro estudo muito curioso sobre a influência do apoio social (Sosa, Kennell, Klaus, Robertson & Urrutia, 1980), foi realizado na Guatemala com mulheres em final de gestação. Apesar de cada vez mais, familiares e amigos estarem autorizados a estar presentes nas salas de parto, nos últimos dez anos, um número considerável de mães continuam a dar à luz em alguns hospitais sem a presença de membros familiares ou de amigos próximos. As mães que estavam acompanhadas por *doulas* (mulheres com ou sem nenhum tipo de relação com a gestante que a acompanhava nos momentos de preparação, trabalho de parto e após o nascimento do filho proporcionando conforto físico e apoio emocional) revelavam uma tendência inferior para desenvolver certos problemas (que requerem intervenção durante o trabalho de parto) do que as mães sem companhia. Além disso, a presença de uma pessoa de apoio tinha um efeito favorável no tempo de trabalho de parto e também na interacção mãe-bebé logo após o nascimento.

Distinguem-se nestes termos, duas fontes de apoio social: informal e formal, segundo Dunst e Trivette (1990, cit. por Ribeiro, 1999). A primeira inclui, simultaneamente, indivíduos (familiares, amigos, vizinhos, etc.) e grupos sociais (como Clubes, Igreja, etc.) que são passíveis de fornecer apoio nas actividades diárias em resposta a acontecimentos de vida normativos e não-normativos. Por outro lado, as redes de apoio social formal abrangem tanto as organizações sociais formais (e.g. hospitais, programas governamentais, serviços de saúde) como os profissionais (médicos, assistentes sociais, psicólogos, etc.) que se caracterizam por estar organizados para fornecer assistência ou ajuda às pessoas que deles precisem.

Alguns autores (Olsen *et al.*, 1991; Vilhjalmsson, 1994; Henly, 1997 cit. por Ribeiro, 1999) verificaram que os elementos mais importantes no fornecimento de apoio social dependem do grupo etário, sendo o cônjuge a exercer maior influência no

grupo dos 30 aos 49 anos, a família no caso de jovens e idosos, e mais especificamente são os pais, que constituem nos adolescentes a principal fonte de suporte e apoio. O que vai ao encontro do que por cá se passa, já que Ribeiro (1994 cit. por Ribeiro, 1999), num estudo em que cruza várias medidas para avaliar as diferentes dimensões do apoio social, fornecidas por vários agentes, com jovens, confirmou que, para a população portuguesa, a fonte de apoio social mais importante é a família.

Como já referido, o apoio social é definido como a ajuda, que deve estar disponível para o indivíduo em determinadas situações, tais como perante dificuldades ou surgimento de *stress* (Sarason & Sarason, 1982). O apoio social é baseado na matriz individual dos relacionamentos com outras pessoas (Heller & Swindle, 1983 cit. por Sarason & Sarason, 1982). Quando esta matriz é extensiva e profunda, as necessidades dos outros sobrepõem-se às individuais havendo uma maior tendência para os ajudar, bem como sentir que essa ajuda está disponível. Assim, a pessoa que tenha elevados níveis de apoio social sente ter outros que lhe podem valer nas horas de necessidade. Quando a matriz é limitada, o indivíduo pode sentir menos empatia para os problemas e limitações de outras pessoas, e menor sentido de responsabilidade pelo seu bem-estar como uma adição ao seu suporte diário pessoal, ou seja, alguém que tenha um baixo nível de apoio social carece destes recursos interpessoais (Sarason & Sarason, 1982).

De acordo com este ponto de vista, o conceito de apoio social pode estar relacionado com o que se obtém dos outros mas também com a tendência para responder às necessidades dos outros, para os ajudar e para obter tolerância em relação a sua maneira de ser. Parece possível, então, que as pessoas com um bom apoio social tenham atitudes mais agradáveis e menos punitivas para com as outras pessoas em geral, e com o seu comportamento desviante em particular (Sarason & Sarason, 1982). E, nesse sentido, é explícito que a falta de relacionamentos consistentes durante a infância está relacionada com o baixo nível de apoios durante a fase adulta (Sarason & Sarason, 1982). Os resultados de um estudo realizado por estes autores, sugerem que as pessoas que se vêem como tendo um apoio social mais elevado, têm uma perspectiva da vida mais agradável e esperançosa, do que aquelas de apoio social mais baixo. Ou seja, encontramos, por um lado, as pessoas que sabem haver, no seu meio, algumas figuras que as apoiam, e por outro, as que não estão satisfeitas com o apoio que têm. Estas são, geralmente, menos tolerantes com o comportamento desviante dos outros, vêem menos a influência positiva da comunidade e dos amigos, e são menos optimistas em relação à mudança das pessoas (Sarason & Sarason, 1982). No geral, as pessoas que têm um

apoio social mais baixo parecem menos felizes e preocupam-se mais, do que as pessoas com o apoio social mais elevado. Pois a oportunidade de associação social com pares desde a infância permite o contacto com uma experiência que predispõe para uma aceitação e empatia (Sarason & Sarason, 1982).

Mesmo em sujeitos ansiosos (Sarason, 1981) o apoio social tem um efeito positivo elevado, e caracteriza-se, em especial, na redução da sua própria preocupação. Neste mesmo sentido, a investigação de Schachter (1959 cit. por Sarason, 1981) sugere que a filiação social diminui os efeitos da ansiedade. Os dados indicam que o apoio social tem um efeito a vários níveis, mas o que se passará em relação à parentalidade? Numa revisão bibliográfica sobre parentalidade, foram encontrados alguns factores protectores que incluem: a idade do pai do sexo oposto à criança, cuidados infantis consistentes durante o primeiro ano de vida, cuidadores alternativos aos pais quando estes não estão presentes, uma rede de familiares de várias idades, e a presença de irmãos cuidadores (Rak & Patterson, 1996 cit. por Armstrong, Birnie-Lefcovitch & Ungar, 2005).

Noutro estudo (Ceballo & McLoyd, 2002), constataram que as mães solteiras com dificuldades económicas que usufruíam de apoio social (comparativamente com as que não o possuíam) tinham um impacto benéfico no comportamento parental. Desta forma, o apoio emocional estava relacionado com maiores cuidados infantis e o apoio instrumental (quantidade de apoio disponível) estava associado com uma diminuição de frequência de uso de punição. Neste caso, os sistemas apoiantes parecem facilitar indirectamente o funcionamento saudável da criança ao fornecer bem-estar psicológico às mães (McLoyd, 1990; Weinraub & Wolf, 1983 cit. por Ceballo & McLoyd, 2002).

O apoio social parece ser eficaz devido à presença de um outro interessado, que permite abandonar a crença de que se está sozinho para fazer face aos desafios (Johnson & Sarason, 1979 cit. por Sarason, 1981). Mesmo em momentos de *stress* – como na transição para a parentalidade – a existência de outras pessoas significativas, pode ajudar na compreensão e controlo das próprias reacções emocionais e desta forma a resolução de problemas de forma eficaz pode ocorrer (Heller, Swindle & Dusenbury, 1986). Também na medida em que os pais são, na família, o primeiro e principal, agente de socialização, torna-se necessário estudar os processos nela envolvidos (Cruz, 2005).

Sabe-se que os pais que têm acesso e apoio emocional e físico um do outro, dos amigos e da família, são capazes de responder aos filhos de maneira mais carinhosa, mais controlada e mais consistente (Crnic *et al.*, 1983, Parke & Buriel, 1998; Taylor *et al.*, 1993, cit. por Bee, 2003). O apoio social parece então, permitir aos pais mobilizar as

melhores habilidades do seu reportório como pais. É interessante verificar que também o pai assume um importante papel no desempenho das suas tarefas de envolvimento e cuidado dos filhos. Neste sentido, existem estudos que apontam para factores positivos no seu desenvolvimento. Por exemplo, as crianças em que os pais também estavam envolvidos no seu cuidado quando mais pequenas, em idade pré-escolar demonstraram um maior sentido de humor, maior capacidade para estarem atentas e mais vontade de aprender (Balancho, 2003 cit. por Taborda & Fonseca, 2007). Isto sugere que as crianças, quando na presença de ambos os pais, enriquecem a sua auto-imagem, o que se reflecte, também, na adolescência, quando o jovem se defronta com os seus conflitos interiores, resistindo mais à pressão dos colegas, porque o jovem está certo acerca dos seus próprios valores (Brazelton, 1992). Assim, os pais que estão intimamente envolvidos com os seus filhos, exercem uma influência significativa junto destes (Papalia, Olds & Feldman, 2001), Chiland atribui mesmo ao pai a função de coluna vertebral, que permite “manter a cabeça erguida” (cit. por Le Camus, 2000), por ser ele o precursor da socialização na criança através das condutas de jogo, estimulando certas capacidades inevitavelmente ligadas à interação social da criança, como a aventura, a existência de regras e o respeito pelos adversários. Não descurando o papel da mãe, pretende-se realçar, que ambos têm funções importantíssimas para um desenvolvimento equilibrado da criança e devem ambos ser considerados nos estudos de parentalidade.

O apoio social é um conceito muito importante. Como vimos, é através dele que pais e crianças sentem que têm uma base de suporte à qual podem recorrer quando necessário. É importante a tal ponto que se verifica a sua influência ao nível da gestão do *stress*, ansiedade e auto-controlo e também na forma como nos relacionamos com os outros. O apoio social é uma área extensíssima de investigação, que tem revelado algumas relações subtis, com a interação pais-filhos. No entanto parece ainda haver pouca investigação no que concerne a sua relação com a gratificação parental.

Actualmente é possível que uma criança que nasça em Portugal, tenha uma mãe com uma determinada ocupação profissional, um pai que esteja mais envolvido na vida e educação da criança do que esteve o seu pai (Balancho, 2004), menos irmãos do que há algumas gerações atrás, mas talvez mais gerações familiares integrem o mesmo espaço, se não físico, pelo menos mais presente na vida quotidiana. Talvez existam mesmo outras pessoas responsáveis pelo cuidado da criança, até fora de casa, como na creche. Algumas das quais até vivam apenas com um dos pais devido a separações, divórcios, migrações, etc. Também, agora as pessoas andam num ritmo mais

“apressado” mesmo assim, sabemos que o convívio com a família e os amigos são as principais escolhas para a ocupação do tempo livre (a este, cerca de quarenta e sete minutos são-lhe dedicados por dia; INE, 2000).

Por todas as transformações a que estamos expostos, é importante que a parentalidade não seja uma área de investigação esquecida no tempo. As mudanças sociais, na actualidade, pautam-se pela rapidez de acontecimentos e se a investigação não a acompanhar corre o risco de estagnar e de serem aplicadas e defendidas teorias que já não façam sentido na sociedade contemporânea. Isto implica que seja feito um acompanhamento dos novos papéis a que a família é chamada a responder continuamente, e analisadas quais as consequências que esses múltiplos estímulos do exterior poderão exercer no desempenho da parentalidade, a um nível macro – na educação, etc. –, e, a um nível micro: quais as influências que surgem nestes contextos, com saídas e entradas, mais ou menos, frequentes na vida das famílias, no grau de satisfação com que os pais exercem as suas funções de cuidado da criança e qual a tendência para haver mudanças estruturais no que concerne à frequência de actividades em que interajam pais e filhos. Sem esquecer que os estudos deverão ser adaptados nas diferentes culturas e não assumidos alguns aspectos como sendo, por exemplo, função da parentalidade masculina ou feminina ao invés de a considerar como fazendo parte, e, sendo influenciada por um todo bem mais complexo.

Neste capítulo constatámos que a *Gratificação Parental* é um conceito intrinsecamente ligado à interacção familiar, que sofre influências desde a relação conjugal, *stress* familiar, satisfação e percepção de auto-eficácia, etc. e que varia conforme a envolvimento em actividades. As *Actividades de Interação* estão por sua vez muito ligadas ao conceito de parentalidade positiva, e à expressão comportamental da criança. Por sua vez, o *Apoio Social* é uma área directamente ligada à noção de *stress* e resiliência, que varia conforme os contextos (pobreza, etapas de vida, cultura, etc.).

Estamos, pois, perante uma extensa área de investigação. Concretamente, interessá-nos, aqui, aprofundar este conhecimento e saber em que medida estes aspectos se relacionam, confluindo vários aspectos de análise ecossistémica (Bronfenbrenner, 1979): a influência das relações extra-familiares (meso e exossistema) nas relações pais-filhos (microsistema), a dois níveis principais, na quantidade de tempo e na satisfação obtida em interacção com os filhos. Podendo estar, ou não correlacionadas com algumas variáveis sociais e/ou demográficas (macro e cronossistema), que como vimos podem vir a influenciar determinados aspectos.

2. Metodologia

2.1 - Desenho da investigação

2.1.1. Objectivos da Investigação

Existem alguns estudos que salientam possíveis relações entre o Apoio Social e a Interação Pais-Filhos (e.g., Sosa, *et al.*, 1980; Crittenden, 1985 cit. por Kavanagh, *et al.*, 1988), e entre a Gratificação Parental e a Interação Pais-Filhos (e.g. Gross, *et al.*, 1994 cit. por Leve, Scaramella & Fagot, 2001; Gardner, 1987, 1994 cit. por Chandani, Prince & Scott, 1999). No entanto, ainda não ficou totalmente clara a compreensão sobre estes conceitos e a existência de relações entre eles. Para responder a isto, realizou-se o presente estudo que pretende, através de três instrumentos (duas escalas e um questionário), avaliar a função parental a estes três níveis: Gratificação Parental, Actividades de Interação Pais-Filhos, Apoio Social.

O estudo pretende responder a determinados objectivos específicos. Nos estudos preliminares pretende-se: 1) verificar se os instrumentos utilizados possuem bons índices psicométricos; 2) averiguar se estes instrumentos são uni ou pluridimensionais. No estudo principal pretende-se: 3) analisar as relações entre a Gratificação Parental, as Actividades de Interação Pais-Filhos e o Apoio Social; 4) investigar a influência de factores sócio-demográficos com as variáveis consideradas.

2.1.2. Questões de Investigação

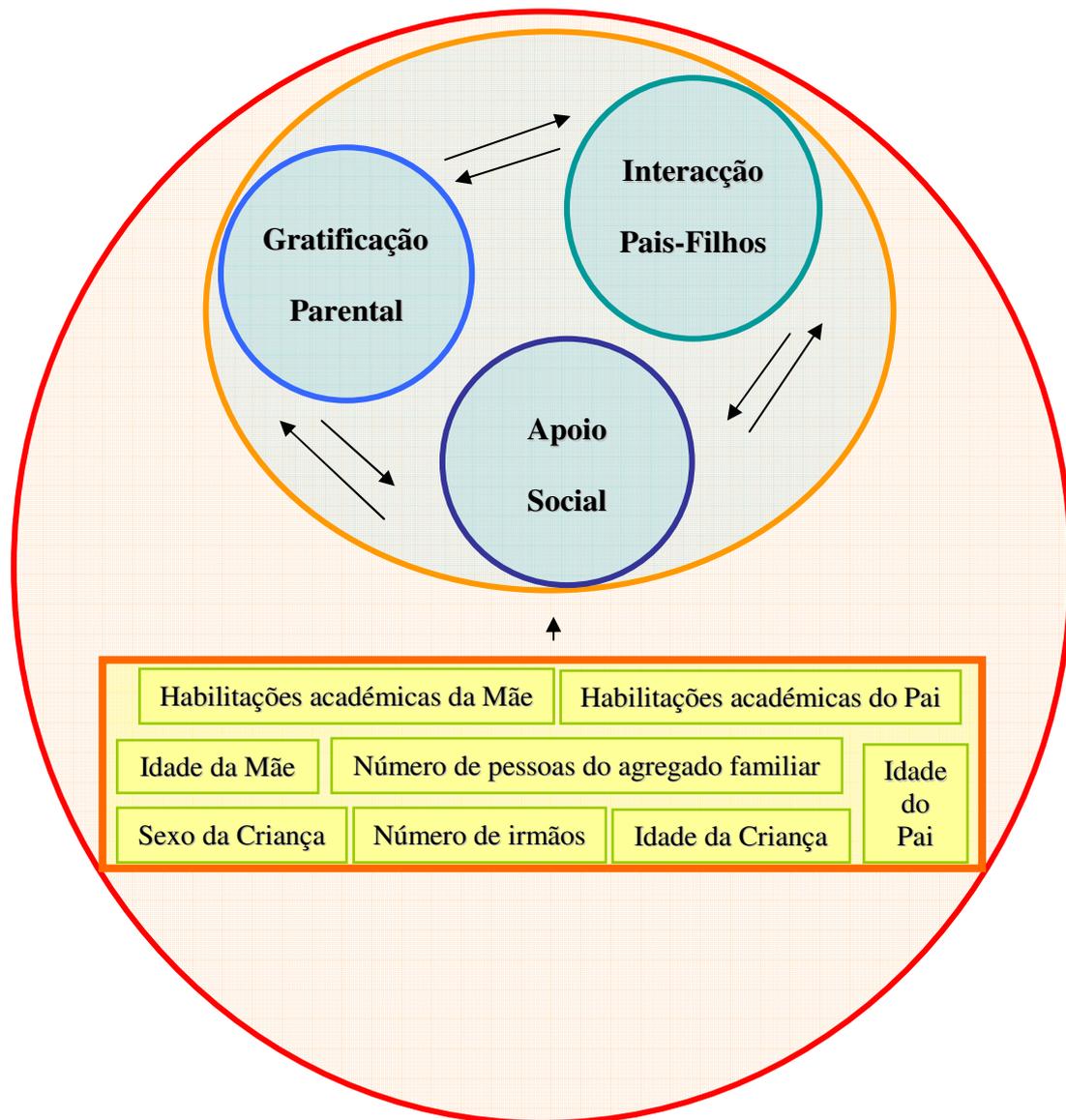
No sentido de alcançar os objectivos propostos, importa realçar que uma vez que parece não existir um referencial teórico bem assente sobre o assunto, não se pode prever o que se espera das análises estatísticas, e portanto não seria correcto propor hipóteses mas sim questões de investigação que abram uma “nova” área de investigação.

Assim para um estudo preliminar de adaptação e análise da validade dos três instrumentos utilizados (duas escalas e um questionário), coloca-se a questão: *Os instrumentos utilizados possuem bons índices psicométricos? E: Serão estes instrumentos são uni ou pluridimensionais?* Após esta primeira análise, poder-se-á realizar um estudo principal para responder a: *Que relações existem entre a gratificação parental e as actividades de interação pais-filhos?; Que relações existem entre a*

gratificação parental e o apoio social?; Que relações existem entre as actividades de interacção pais-filhos e o apoio social; e finalmente Haverá influência de alguma variável sócio-demográfica com as variáveis em estudo?

2.1.3. Mapa conceptual

Figura 2.1 – Mapa conceptual



Tendo como base os objectivos acima descritos, a presente investigação pretende de uma forma esquemática (ver Figura 2.1) analisar a um primeiro nível, os três graus de influência da função parental, independentemente uns dos outros: a gratificação dos pais, a interacção entre os pais e os filhos (através das actividades desenvolvidas em conjunto) e o apoio social que os primeiros recebem. Num segundo momento é

pretendido averiguar a relação entre as três variáveis analisadas e finalmente, a existência de influências de dados sócio-demográficos (i.e., habilitações académicas da mãe e do pai, idade da mãe, do pai e da criança, sexo da criança, número de irmãos e número de pessoas no agregado familiar).

2.2 - Estratégia Metodológica dos Estudos Preliminares (Adaptação dos Instrumentos)

2.2.1 - Selecção da Amostra

Para a realização dos estudos preliminares de análise da validade interna dos instrumentos, constituímos três amostras diferentes. Pelo facto de as amostras recolhidas servirem também de base à avaliação do impacto do projecto *A Par* em Portugal, como atrás referido, nem todas as escalas apresentadas aos sujeitos foram analisadas para este estudo (Anexo I).

Deste modo, para as amostras deste estudo foram recolhidos dados em diversas escolas pré-primárias (creches e jardins-de-infância) das regiões da Grande Lisboa e Alentejo (Évora) e de indivíduos não pertencentes a estas Escolas mas abrangidos e respeitando alguns critérios. Para serem incluídas, as crianças tinham de ter entre 0 e 5 anos de idade, não havendo idade limite para os pais. Também tinham de preencher a condição de não terem entrado anteriormente no estudo e não podiam estar sob influência do Projecto. As crianças também não podiam usufruir de acompanhamento psicológico ou possuir atrasos do desenvolvimento significativos, perturbação psicológica e/ou comportamental (devido às provas de avaliação cognitiva realizadas às crianças de acordo com o critério do Projecto *A Par*). Além disso, todos os pais foram convidados, através da assinatura de um consentimento informado, a tomarem conhecimento dos objectivos do estudo. Para responderem aos questionários os pais tinham de saber, minimamente, ler e/ou compreender português. Também a confidencialidade dos dados estava assegurada. Os dados globais do estudo poderiam ser devolvidos aos pais.

2.2.2 - Caracterização da Amostra

Para estes estudos preliminares foram recolhidas três amostras independentes devido ao facto de terem sido realizadas para diferentes investigações. Estas serão

caracterizadas mais pormenorizadamente, à frente no ponto 3.1 desta dissertação, aquando da *Apresentação e Análise dos Resultados*.

2.2.3. Instrumentos

No nosso estudo, iremos aplicar as seguintes escalas:

- EGP (*Pleasure in Parenting Scale – PPS*) de Fagot (1995), para avaliar a gratificação parental.

- EAIP-F (*Parent-Child Joint Activity Scale – PJAS*) de Chandani, Prince e Scott (1999), para avaliar as actividades de interacção pais-filhos.

- QAS (*Social Support Questionnaire – SSQ*) de Sarason, Levine, Basham e Sarason (1983), para avaliar o apoio social.

Estes questionários foram já traduzidos para português, estando em vista ser realizada uma adaptação destes novos instrumentos, mais adequada à nossa população. Assim, o processo de tradução e retroversão das escalas utilizadas estiveram totalmente a cargo da equipa de investigadores envolvida no Projecto *A Par*. Sendo os nomes aqui empregados, os mesmos que os autores decidiram dar e respeitando os objectivos de medida de cada um deles.

2.2.3.1 - Escala de Gratificação Parental

A *Escala de Gratificação Parental* (EGP) é a versão experimental de um instrumento de auto-relato utilizado para avaliar o prazer que os pais sentem em desenvolverem algumas rotinas de cuidado diário com a sua criança, desenvolvida por Fagot (1995), e traduzida do inglês (*Pleasure in Parenting Scale*, PPS) por Taborda, Aguiar e Nabuco (2007, não publicado).

Esta Escala foi construída a partir de uma lista de actividades que pais, de filhos entre um e três anos, desenvolvessem. Depois, foi pedido aos pais que ordenassem esses comportamentos por ordem decrescente de gratificação. Foi inicialmente obtido um conjunto de 65 comportamentos. Destes, foram mantidos apenas os que tinham sido referidos por pelo menos por 20% dos pais. Foram também excluídos os que não implicavam uma interacção directa com a criança e por fim seleccionados os que tinham um elevado nível de concordância, daqui obtiveram-se 20 itens. Destes, foram ainda seleccionados os 10 comportamentos ou actividades que exemplificassem diferentes

domínios de cuidado dos filhos e que permitissem alguma variedade nos níveis de gratificação parental.

Depois de testada com uma população significativamente superior à anterior, foram obtidos elevados graus de confiança teste-reteste a 6 semanas e 6 meses (inicialmente $r = 0,85$ para as mães e $r = 0,76$ para os pais, e depois $r = 0,70$ para ambos), com um alfa de *Cronbach* de 0,81 para as mães e de 0,76 para os pais.

Apesar desta escala ter sido desenhada para ser aplicada a pais com crianças pequenas (até aos 3 anos), no Projecto, à semelhança do PEEP, foi aplicada a crianças dos 36 aos 72 meses. Deste modo, para responder à EGP, constituída por 10 itens (exemplo: “Vestir a criança.”, “Brincar com a criança.”), era pedido aos pais, no cabeçalho, que classificassem cada uma das actividades de cuidado da/o filha/o, que estavam enumeradas, de acordo com a satisfação que sentissem ao desempenhá-la. As respostas deveriam ser dadas de acordo com uma escala tipo Likert de 5 pontos, podendo as respostas variar entre “1-Detesto”, “2-Não gosto”, “3-É indiferente”, “4-Gosto” e “5-Gosto muito”. Segundo Serôdio (2009, p.20), num estudo “piloto” português esta escala revelou um valor de consistência interna de 0,73 e uma única dimensão.

2.2.3.2 - Escala de Actividades de Interação Pais-Filhos

A *Escala de Actividades de Interação Pais-Filhos* (EAIP-F) é a versão experimental de um instrumento de auto-relato utilizado para avaliar as actividades que os pais desenvolvem com os filhos em idade pré-escolar, desenvolvida por Chandani, Prince e Scott (1999), e traduzida do inglês (*Parent-child Joint Activity Scale*, PJAS) por Tabora, Aguiar e Nabuco (2008, não publicado).

Esta Escala foi criada para se focar objectivamente nas actividades dos pais com uma criança de três a quatro anos de idade. É originalmente uma escala unidimensional que mede este constructo. Foi gerada através de um levantamento da literatura sobre as actividades desenvolvidas pelos pais e pelos filhos nestas idades em três áreas distintas: do desenvolvimento infantil, da interação familiar e dos instrumentos de avaliação parental. Além disso foi também pedido a pais e profissionais de cuidado infantil que enumerassem actividades positivas de interação que pudessem ser desenvolvidas juntamente com as crianças.

Após ser constituída uma lista inicial com 48 itens, os profissionais, que a reviram, por considerarem alguns itens irrelevantes ou repetitivos, geraram uma lista de

35 itens que foi alvo de uma análise de consistência interna. Foram retirados alguns itens que possuíam um baixo coeficiente de correlação com a escala total, mantendo 21 dos itens (alfa de *Cronbach* de 0,91), e com uma elevada confiança teste-reteste ($r = 0,91$). De notar que apesar de retirado o item “Canto com o meu filho” este foi mantido na versão portuguesa, por ainda estar em fase de teste. Também é de salientar o facto de terem sido formulados três itens negativamente para controlar e minimizar a tendência de resposta, no entanto apenas um foi mantido nesta versão final (inglesa e portuguesa).

Para responder à EAIP-F, constituída por 22 itens (exemplo: “Respondo, com interesse e entusiasmo, às perguntas do/da...”, “Eu e o/a... desenhamos e pintamos juntos.”), os pais deveriam responder de acordo com uma escala de Likert de 5 pontos, podendo as respostas variar entre “1-Nunca ou Quase nunca”, “2-1 ou 2 vezes por mês”/ “De vez em quando”, “3-1 ou 2 vezes por semana”/ “Algumas vezes”, “4-Quase dia sim dia não”/ “Muitas vezes” e “5-Quase todos os dias”/ “Sempre”. Era-lhes pedido, no cabeçalho, que assinalassem a frequência com que realizam cada uma das actividades que se seguiam, e que tinham feito nos últimos dois meses, em conjunto com a/o filha/o. De acordo com os critérios esta escala é aplicada a crianças dos 36 aos 72 meses.

2.2.3.3 - Questionário sobre Apoio Social

O *Questionário sobre Apoio Social* (QAS) é a versão experimental, de um instrumento desenvolvido por Sarason, Levine, Basham e Sarason (1983), para avaliar o número de apoios recebidos e a satisfação com a disponibilidade desse apoio para os pais. Foi traduzida e adaptada do americano (*Social Support Questionnaire*, SSQ) para inglês por Sylva, Evangelou, Taylor, Rothwell e Brooks (2004) e traduzido para português por Ferreira, Aguiar e Nabuco (2007, não publicado).

Este questionário foi desenvolvido inicialmente para medir o apoio social a dois níveis principais: o número de pessoas apoiantes disponíveis e a satisfação com esse apoio. Para averiguar a relação entre este constructo e a persistência em trabalhar numa determinada tarefa complexa e frustrante, Sarason, Levine, Basham e Sarason (1983) apresentaram a um grupo de alunos, 61 itens, com várias situações em que o apoio social pode ser importante para as pessoas. Foi pedido aos alunos que listassem os indivíduos que providenciavam apoio na situação descrita, e avaliassem a sua satisfação. As baixas correlações inter-item levaram a uma eliminação de itens. Foi ainda feita uma correlação entre as categorias de relação (i.e., família imediata, amigos) e a frequência e a duração dos contactos. Desta análise ficaram 27 itens, que formaram

um questionário unidimensional, com bons índices psicométricos: alfas de *Cronbach* de 0,97 e 0,94 e correlações teste-reteste de $r = 0,90$ e $r = 0,83$ (respectivamente para as duas categorias, de enumeração e grau de satisfação).

Em 2004, de forma a obter uma escala que se adequasse aos objectivos de medida do PEEP, este questionário foi adaptado mantendo o nome que lhe deu origem. À semelhança do PEEP, a versão portuguesa, é formada por 18 itens contendo bases de apoio social (i.e., pessoas ou grupos de pessoas) com que habitualmente contam as famílias que estão a criar um filho pequeno. Era assim pedido aos pais, de crianças entre os 0 aos 72 meses, que seleccionassem as respostas que melhor descrevessem o nível de ajuda que considerassem ter recebido nos últimos 3 a 6 meses. As respostas foram dadas numa escala de Likert de 6 pontos, onde 1 significava “Não disponível”, 2 “Não ajudou nada”, 3 “Ajudou ocasionalmente”, 4 “Ajudou habitualmente”, 5 “Ajudou muito” e por fim 6 “Ajudou muitíssimo”.

2.3 - Estratégia Metodológica do Estudo Principal

2.3.1 - Selecção da Amostra

Uma vez que o objectivo deste estudo era verificar quais as relações existentes, entre as três variáveis em causa, as amostras dos estudos preliminares tiveram de se restringir aqui apenas aos pais/cuidadores que responderam aos três questionários simultaneamente. Desta forma evitar-se-iam possíveis erros de medida e questões metodológicas que pusessem em causa a pertinência e as conclusões da presente investigação. Dado que apenas houve esta delimitação, todos os critérios de inclusão, acima referidos foram aplicados a esta amostra.

2.3.2 - Caracterização da Amostra

Da amostra, fizeram parte 154 casais⁴ (mães/cuidadoras femininas ou pais/cuidadores masculinos) e respectivos filhos (72 do sexo masculino e 82 do sexo feminino).

⁴ O QAS foi respondido pelos 154 casais. A EGP e a EAIP-F foram respondidas por 68 casais, porque estas escalas aplicam-se apenas a crianças a partir dos 36 meses.

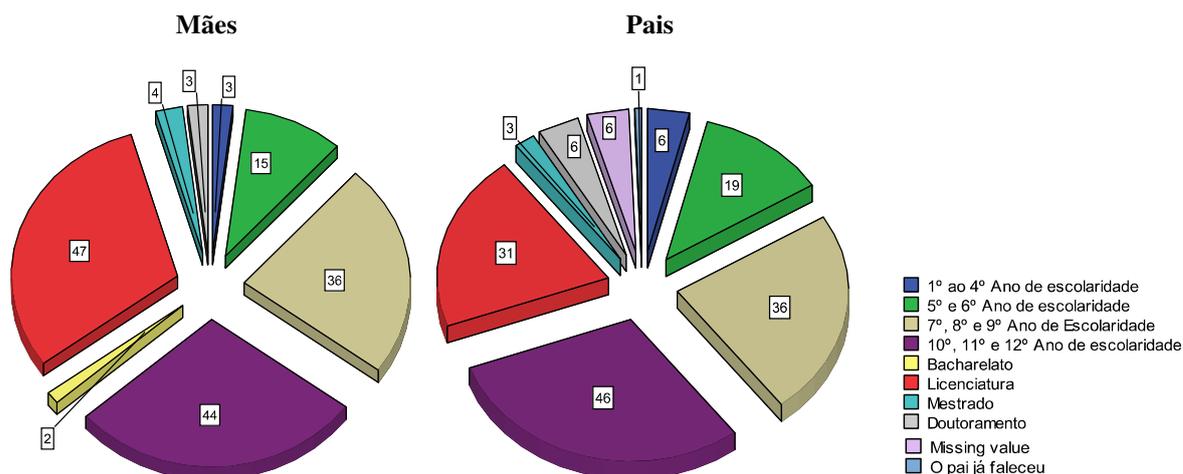
Quadro 2.1 – A idade para a amostra do estudo principal

Variável	Criança (em meses)				Mãe/Cuidador feminino (em anos)				Pai/Cuidador masculino (em anos)			
	N	Máx.- Min.	Média	DP	N	Máx.- Min.	Média	DP	N	Máx.- Min.	Média	DP
Idade	154	1-72	32,64	16,97	153	17-45	31,41	5,38	147	17-61	34,28	6,23

Habilitações académicas dos pais

Verificámos que a grande maioria tanto de mães como pais possuía uma Licenciatura (30,5% e 20,1% respectivamente) ou o Secundário (28,6% e 29,9%, respectivamente), tendo alguns Mestrado (2,6% e 1,9%, respectivamente) ou Doutoramento (1,9% e 3,9%, respectivamente). Apenas 23,4% (em ambos os casos) possuíam o 9º ano do Ensino Básico.

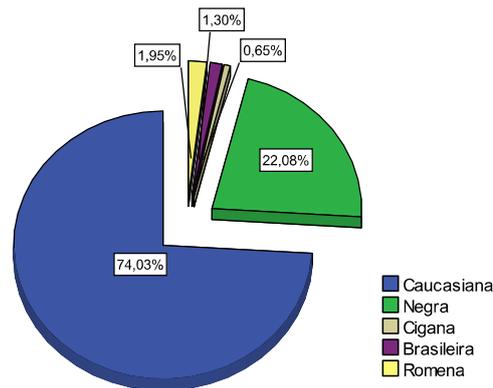
Gráfico 2.1 – Distribuição das mães e dos pais pelas habilitações académicas



Etnia da criança

Nesta amostra a grande maioria das crianças é de etnia caucasiana (114 crianças), seguida da etnia negra com 34 crianças (onde se incluem crianças com pelo menos um dos progenitores desta etnia), sendo as restantes 5 crianças de etnia cigana, brasileira e romena (1, 2 e 3 respectivamente).

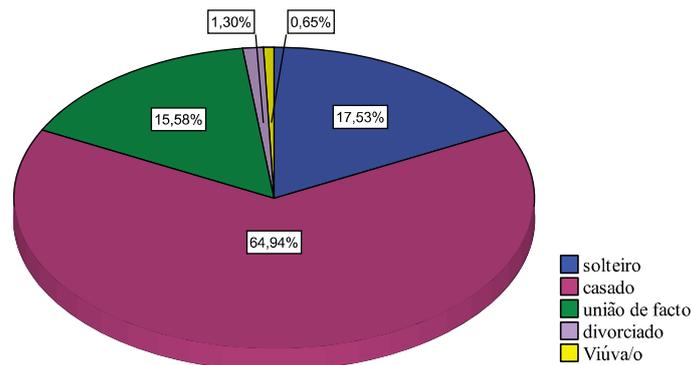
Gráfico 2.2 – Distribuição percentual das crianças por grupos étnicos



Estado civil dos pais

Nesta amostra encontramos 100 pais casados, um número muito aproximado de solteiros e em união de facto (27 e 24 respectivamente), sendo os restantes divorciados ou viúvos (2 e 1 respectivamente).

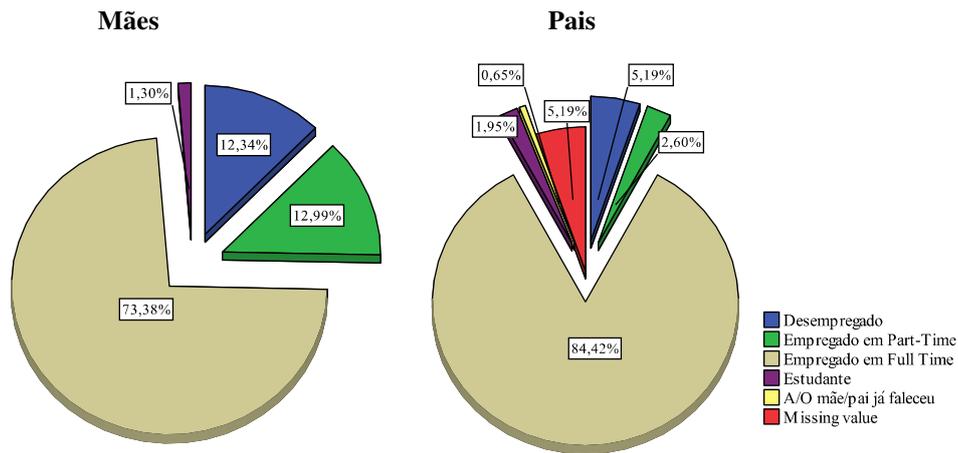
Gráfico 2.3 – Distribuição percentual dos pais conforme o seu estado civil



Ocupação

Na sua grande maioria (113 mães e 130 pais), os participantes eram trabalhadores a tempo inteiro. Uma parte trabalha a tempo parcial (20 mães e 4 pais), outra (19 mães e 8 pais) estava desempregada e, ainda, se encontravam entre os participantes duas mães e três pais estudantes.

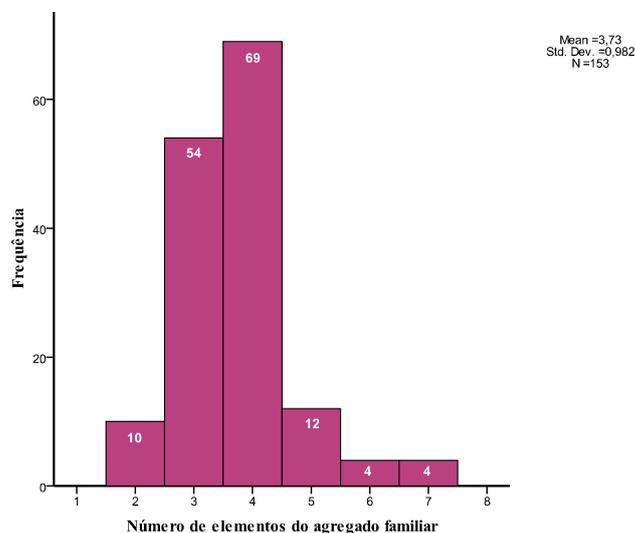
Gráfico 2.4 – Distribuição percentual dos pais conforme a sua ocupação



Agregado familiar

Grande parte das famílias (44,8%) que entraram no estudo é constituída por 4 elementos, seguidas das famílias constituídas por 3 elementos (35,1%), havendo semelhante número de famílias com 2 e 5 pessoas (6,5% e 7,8% respectivamente), e as restantes 8 famílias igualmente distribuídas por agregados de seis e sete pessoas.

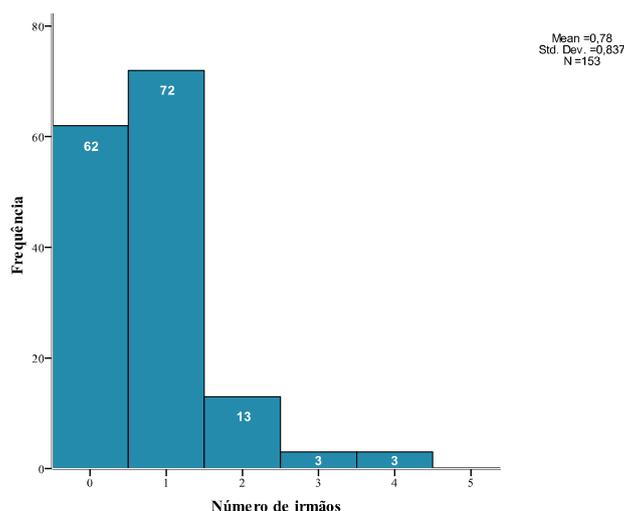
Gráfico 2.5 – Distribuição dos participantes conforme o número de pessoas que constituem o seu agregado familiar



Irmãos

Na amostra, uma grande parte das crianças (46,8%) tem um irmão, outra parte (40,3%) não tem nenhum, uma pequena e igual percentagem tem 3 e 4 irmãos (1,9% cada), tendo os restantes 8,4% dois irmãos.

Gráfico 2.6 – Distribuição das crianças por número de irmãos



2.3.3 - Instrumentos Utilizados

Para este estudo, como foi mencionado, os pais responderam a todos os instrumentos de medida utilizados nesta investigação (*Escala de Gratificação Parental* de Fagot, 1995, *Escala de Actividades de Interação Pais-Filhos* de Chandani, Prince e Scott, 1999 e, *Questionário sobre Apoio Social* de Sarason, Levine, Basham e Sarason, 1983). A amostra ficou bastante mais reduzida, devido ao facto de as duas escalas, segundo os critérios do projecto, as que aqui foram respeitadas e por uma questão de coerência, só poderem ser aplicadas a partir dos três anos de idade da criança.

2.4 - Procedimento na Recolha e Tratamento de Dados

Como referido anteriormente, os dados recolhidos serviram para dois estudos. Assim, as quatro amostras utilizadas (três para o estudo preliminar e uma para o estudo principal) e descritas no presente documento foram recolhidas entre o último trimestre de 2007 e Janeiro de 2010.

À família, habitualmente a pessoa mais envolvida na educação da criança (pai ou cuidador masculino/ mãe ou cuidadora feminina), foi entregue um envelope contendo o termo de consentimento informado, que foi assinado e devolvido, um questionário sócio-demográfico, e um conjunto de instrumentos (aplicados de acordo com a idade da criança no momento da entrega, ou seja, de acordo com a finalidade da investigação para que foram recolhidos os dados).

Os pais podiam preencher os questionários na escola ou em casa. Houve também alguns pais que foram submetidos a uma entrevista pós-preenchimento de forma a

receber *feedback* sobre apontamentos que os pais achassem relevantes levantar para uma avaliação crítica dos instrumentos em causa. Algumas questões podem servir para uma proposta futura de reformulação dos instrumentos. Também numa fase inicial do Projecto era proposto, dado o escasso número de pais que podiam e aceitavam participar no estudo, que a recolha fosse feita na Escola da criança, por aplicadores com formação para isso. No entanto esta prática foi abandonada, uma vez que a grande maioria dos pais sabia ler, escrever e compreendia o português.

No momento de entrega era pedido aos pais que respondessem a todos os itens (10 para a EGP, 22 para a EAIP-F e 18 para o QAS). Que respondessem por escrito, a menos que tivessem dificuldades de compreensão da língua portuguesa e/ou de leitura, sendo nesse momento disponibilizada ajuda para tal, e, que não discutisse ou partilhasse as suas respostas com outras pessoas, caso estivessem várias a ser submetidas à avaliação num mesmo local.

Os dados obtidos tanto para o estudo preliminar, como para o estudo principal, serão analisados com o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) versão 17.0 de forma a determinar índices de precisão e validade, bem como as correlações entre as três variáveis em causa e destas com as variáveis sócio-demográficas.

Em síntese, neste segundo patamar da análise, referimos as nossas questões e objectivos de investigação, explicitámos o nosso quadro de referência conceptual, caracterizámos a amostra do Estudo principal e sintetizámos os principais aspectos metodológicos subjacentes à construção e adaptação dos instrumentos utilizados. Em seguida, iremo-nos debruçar sobre a *Apresentação e Análise dos Resultados*.

3. Apresentação e Análise dos Resultados

O objectivo do presente estudo foi não só fazer uma primeira análise de validade dos instrumentos, como compreender as relações que existem entre estes constructos, e também procurar verificar a forma como estes se relacionam com diversas variáveis demográficas. Para isso, realizaram-se as análises que se seguem.

3.1 - Estudos Preliminares

Os seguintes dados foram analisados com o programa SPSS (versão 17.0 para *Windows*) de forma a determinar os índices de precisão e validade das escalas e do questionário aqui examinados.

3.1.1- Escala de Gratificação Parental

Da amostra, fizeram parte 237 homens (pais ou cuidadores masculinos) e respectivos filhos (106 do sexo masculino e 131 do sexo feminino). Destes, foram excluídos 20 que não responderam a todas as questões, perfazendo um total de 217.

Idade

Dos 167 pais/cuidadores masculinos participantes que mencionaram a idade, verificou-se que esta se situou entre os 19 e os 61 anos, apresentando uma média de 36,08 anos e um desvio-padrão (DP) de 6,56 e uma mediana de 35 anos. A idade das crianças situou-se entre os 24 e os 72 meses, apresentando uma média de 45,1 meses (DP = 12,68) e uma mediana de 47 meses.

Número de irmãos

Existem nesta amostra quase tantas crianças que têm um irmão (21,5%), como crianças que não têm nenhum (19,4%), havendo uma descida abrupta no número de irmãos a partir dos dois até aos quatro (2,1%, 1,3% e 0,8% respectivamente).

Tendência central e variabilidade

Como mencionado, houve 217 pessoas que responderam. A média de respostas dos valores totais desta escala foi de 3,99 com um desvio padrão de 0,46 e variou entre um máximo de 4,83 e um mínimo de 3,04.

Normalidade

Uma vez conhecida a média e o desvio-padrão do universo de respostas, foi realizado um teste de Kolmogorov-Smirnov para averiguar se a amostra tinha uma distribuição normal, o que foi verificado (K-S = 1,180, $p < 0,124$; Anexo II, Figura II.1).

Consistência interna

Obtivemos para os valores totais desta escala um alfa de *Cronbach* estandardizado de 0,79, que é um pouco superior ao encontrado na versão original da *Pleasure in Parenting Scale* (tendo em conta a amostra ter sido masculina), o que indica uma consistência interna razoável. Em nenhum caso, uma eliminação de um item da escala resultava num alfa de *Cronbach* superior. O que parece indicar que todos os itens estão bastante correlacionados com o factor que a escala mede.

Análise factorial exploratória

Uma vez que se pretende analisar a validade da versão portuguesa da PPS realizou-se uma análise factorial exploratória. Foi feita uma análise de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), desta forma pode-se verificar se a Escala se adequa ao que é pretendido medir, KMO = 0,831, e o teste de esfericidade de Bartlett é significativo a um nível de $p < 0.000$ o que é um bom resultado. A análise factorial exploratória com rotação Oblimin, resolvida com 6 iterações, propôs, tanto a partir dos valores próprios como pelo *scree plot* (Anexo III, Figura III.1), dois factores, numa distribuição como a apresentada no Quadro 3.1, em que podemos observar saturações bastante elevadas com uma amplitude de 0,58 até 0,75 para a primeira sub-dimensão, e 0,56 até 0,78 para a segunda.

Quadro 3.1 – Análise factorial exploratória das dimensões da EGP: matriz de estrutura de rotação Oblimin com normalização de Kaiser.

Itens	EPC	ECC
2. Dar banho à criança.	0,61	0,48
3. Mudar as fraldas sujas.	0,75	0,11
5. Vestir a criança.	0,74	0,35
7. Dar comida à criança (alimentos sólidos).	0,58	0,46
8. Arrumar os brinquedos da criança.	0,73	0,23
9. Acalmar as birras da criança.	0,74	0,19
1. Deitar a criança.	0,29	0,56
4. Brincar com a criança.	0,12	0,75
6. Conversar com a criança.	0,20	0,78
10. Envolver a criança nas tarefas do dia-a-dia.	0,36	0,60

Nota: EPC – *Estar Para a Criança*; ECC – *Estar Com a Criança*

Escolheu dar-se o nome para o primeiro factor “Estar Para a Criança” (EPC) que contém as actividades de cuidado, mais ligadas à sobrevivência e necessidades básicas (como alimentação e higiene) e aquelas em que os pais estão mais cingidos à questão de educação (de arrumação e controlo do comportamento). Já às actividades a que os pais tendem a estar mais envolvidos, por não abarcarem necessariamente uma “obrigação” (mais inerente à anterior) mas uma escolha, demos o nome de “Estar Com a Criança” (ECC). Calculámos a média de respostas e desvios-padrão de cada um destes factores, que para a EPC foi de 3,62 (DP = 0,62) e para a ECC foi 4,56 (DP = 0,40), e os alfas de *Cronbach* estandardizado que para a EPC foi de 0,79 e para a ECC foi de 0,64.

3.1.2- Escala de Actividades de Interação Pais-Filhos

Da amostra, fizeram parte 199 homens (pais ou cuidadores masculinos) e respectivos filhos (88 do sexo masculino e 111 do sexo feminino). Destes foram excluídos 10 que não responderam a todas as questões invalidando a escala, perfazendo um total de 189.

Idade

A idade dos 128 pais/cuidadores masculinos, que responderam a este dado, situou-se entre os 19 e os 61 anos, apresentando uma média de 35,34 anos (DP = 6,24) e uma mediana de 35 anos. A idade das crianças situou-se entre os 24 e os 72 meses, apresentando uma média de 44,03 meses (DP = 12,69) e uma mediana de 43 meses.

Tendência central e variabilidade

Das 189 pessoas que responderam a esta escala, a média de respostas dos valores totais foi de 3,55 (DP = 0,55) e variou entre um máximo de 4,57 e um mínimo de 1,78.

Normalidade

Uma vez conhecida a média e o desvio-padrão do universo de respostas, foi realizado um teste de Kolmogorov-Smirnov para apurar se a amostra segue uma distribuição normal, o que foi confirmado (K-S = 0,858, $p < 0,453$; Anexo II, Figura II.2).

Consistência interna

Obtivemos para os valores totais desta escala um alfa de *Cronbach* estandardizado de 0,85 um pouco inferiores aos encontrados na versão original da *Parent-Child Joint Activity Scale* (PJAS). No entanto isto indica uma boa consistência interna. Apenas num caso, é proposta a eliminação de um item da escala (“Há dias em que não tenho tempo para brincar ou para ler com o/a...”) por uma ligeira subida no alfa de *Cronbach* (para 0,86).

Análise factorial exploratória

De forma a verificar a validade da versão portuguesa da PJAS realizou-se uma análise factorial exploratória. Verificamos o $KMO = 0,840$ e o teste de esfericidade de Bartlett significativo a um nível de 0.000, Desta forma os pré-requisitos para a análise factorial estão preenchidos. A análise factorial dos componentes principais com rotação Oblimin, resolvida com 9 iterações, propôs, a partir do *scree plot* (Anexo III, Figura III.2), dois factores, numa distribuição como a apresentada no Quadro 3.2, em que podemos observar saturações elevadas com uma amplitude de 0,47 até 0,68 para o primeiro factor, e 0,44 até 0,73 para o segundo. É de salientar o facto de que apesar de um dos itens “Brinco com o/a... em espaços abertos” não saturar em nenhum dos dois factores foi mantido na escala, por poder ser importante para o projecto (em que se insere a presente investigação), mas que deve ser tido em conta em futuras análises e que será alvo de reflexão mais à frente.

Quadro 3.2 – Análise factorial exploratória das dimensões da EAIP-F: matriz de estrutura de rotação Oblimin com normalização de Kaiser.

Itens	CE	EC
4. Conto (números e/ou objectos) com o/a...	0,47	-0,33
5. Oíço as histórias que o/a... conta.	0,54	-0,24
7. Oíço as canções que o/a... canta.	0,47	-0,17
8. Brinco ao "faz de conta" com o/a...	0,58	-0,33
9. Converso com o/a sobre o que viu na TV.	0,55	-0,12
12. Brinco com o/a... em espaços abertos.	0,37	-0,37
16. Partilho com o/a... tarefas domésticas, como limpar, cozinhar, tratar o jardim.	0,51	-0,28
17. Ajudo-o/-a... a fazer amigos.	0,49	-0,37
18. Explico ao/à... as regras básicas de circulação rodoviária.	0,68	-0,16
19. Respondo, com interesse e entusiasmo, às perguntas do/da...	0,56	-0,12

Itens (continuação)	CE	EC
20. Faço perguntas ao/à... para o/a estimular a falar.	0,51	-0,36
21. Durante as brincadeiras estímulo o/a... a participar com as suas ideias.	0,65	-0,38
1. Leio livros e, voz alta com o/a...	0,18	-0,71
2. Canto com o/a...	0,43	-0,44
3. Eu e o/a... desenhamos e pintamos juntos.	0,46	-0,68
6. Conto histórias ao/à...	0,25	-0,73
10. Há dias em que não tenho tempo para brincar ou para ler com o/a...	-0,13	0,45
11. Eu e o/a... fazemos juntos bonecos de plasticina.	0,22	-0,52
13. Faço "puzzles" com o/a...	0,31	-0,62
14. Eu e o/a... fazemos juntos construções com cubos, "legos", etc.	0,25	-0,63
15. Vejo imagens ou livros com o/a...	0,46	-0,64
22. Passo, pelo menos, meia hora por dia a brincar ou a fazer qualquer coisa interessante com o/a...	0,49	-0,56

Nota: CE – Criança e Eu; EC – Eu e Criança

Escolheu dar-se o nome “Criança e Eu” (CE) às actividades em que a criança toma parte da iniciativa, assumindo um papel principal, ou que toma um papel muito activo. Ao invés, as de “Eu e Criança” (EC) são actividades em que o “Eu” na forma do pai/cuidador ou mãe/cuidadora é preponderante, já que se centram mais na actividade do cuidador e não tanto na criança, ou seja, o cuidador não *responde* à criança mas *puxa* por ela.

Calculámos ainda a média de respostas e os desvios-padrões de cada um destes factores, e verificámos que para a CE foi de 3,86 (DP = 0,64) e para a EC foi 3,23 (DP = 0,62), e os alfas de *Cronbach* estandardizado que para a CE foi de 0,78 e para a EC foi de 0,73, sendo de referir que para este último havia uma subida para 0,81 caso fosse eliminado o item “Há dias em que não tenho tempo para brincar ou para ler com o/a...”.

3.1.3 - Questionário sobre Apoio Social

Da amostra, fizeram parte 262 mulheres (mães ou cuidadoras femininas) e respectivos filhos (130 do sexo masculino e 132 do sexo feminino). Foram excluídos 20 que não responderam a todas as questões, perfazendo um total de 242 participantes.

Idade

251 das mães/cuidadoras mencionaram a sua idade, que se situou entre os 17 e os 54 anos, apresentando uma média de 32,4 anos (DP = 5,34) e uma mediana de 33

anos. A idade das crianças situou-se entre 1 e 72 meses, apresentando uma média de 32,65 meses (DP = 17,76) e uma mediana de 33 meses.

Tendência central e variabilidade

A média de respostas dos valores totais desta escala, foi de 2,33 com um desvio padrão de 0,57 e variou entre um máximo de 4,98 e um mínimo de 1,10.

Normalidade

Uma vez conhecida a média e o desvio-padrão do universo de respostas, foi realizado um teste de Kolmogorov-Smirnov para verificar se a amostra tinha uma distribuição normal, o que foi corroborado (K-S = 1,001, $p < 0,269$; Anexo II, Figura II.3).

Consistência interna

Obtivemos para os valores totais desta escala um alfa de *Cronbach* estandardizado de 0,78. O que indica uma consistência interna razoável. Para nenhum item, é proposta a sua eliminação do Questionário, resultante num alfa de *Cronbach* superior. O que parece indicar que os itens estão correlacionados com o factor que é pretendido medir.

Análise factorial exploratória

Para analisar a validade deste questionário, realizou-se uma análise factorial exploratória. O KMO = 0,776 e o teste de esfericidade de Bartlett ($p < 0.000$) permitem uma boa aceitação da análise factorial exploratória enquanto pré-requisitos. Realizámos uma análise factorial dos componentes principais com rotação Oblimin, que foi resolvida com 13 iterações. Desta análise, emergiu ainda uma estrutura factorial (Anexo III, Figura III.3) que diferencia claramente 3 factores a partir do *scree plot* (ver Quadro 3.3) com saturações entre os 0,41 e os 0,78 para o primeiro, 0,51 e 0,70 para o segundo e saturações bastante elevadas (0,80) em relação ao terceiro factor.

De realçar, que dois dos itens (“Os meus filhos” e “Creche ou Escola”) apesar de não saturarem em nenhum factor, foram mantidos no questionário, tal como no caso do item da EAIP-F, por se poderem considerar como sendo importantes para o projecto, mas com a salvaguarda de que estes resultados devem ser tidos em conta futuramente.

Quadro 3.3 – Análise factorial exploratória das dimensões do QAS: matriz de estrutura de rotação Oblimin com normalização de Kaiser.

Itens	PP	AF	OA
1. Os meus pais	-0,51	-0,05	-0,11
2. Os pais do meu companheiro/a	-0,64	-0,08	-0,07
3. Outras pessoas da minha família	-0,70	0,20	0,11
4. Outras pessoas da família do meu companheiro/a	-0,78	0,14	0,09
5. O meu companheiro/a	-0,41	-0,20	-0,20
6. Os meus amigos	-0,63	0,49	0,13
7. Os amigos do meu companheiro/a	-0,74	0,31	0,09
8. Os meus filhos	0,07	0,20	0,06
9. Outros pais (que têm filhos)	-0,57	0,55	0,13
10. Colegas de trabalho	-0,36	0,51	0,29
11. Grupos de pais	-0,29	0,69	0,14
12. Grupos ou associações sociais	-0,02	0,67	0,08
13. A minha paróquia ou outros grupos religiosos	-0,12	0,70	0,06
14. Profissionais (parteira, assistente social, professor, etc.)	-0,11	0,68	-0,03
15. Creche ou Escola	0,02	0,38	-0,03
16. Programa de Intervenção Precoce	-0,12	0,60	0,33
17. Outros (especifique)	-0,05	-0,08	0,80
18. Outros (especifique)	0,14	0,12	0,80

Nota: PP – *Pessoas Próximas*; AF – *Apoios Formais*; OA – *Outros Apoios*

Calculámos ainda a média de respostas, os desvios-padrões e os alfas de *Cronbach* de cada um destes factores (ver Quadro 3.4).

Quadro 3.4 – Média de respostas, desvios-padrões e alfas de *Cronbach* das dimensões do QAS

	PP	AF	OA
Média de respostas	2,83	1,73	1,23
Desvio-padrão	0,88	0,75	0,70
Alfa de <i>Cronbach</i> estandardizado	0,79	0,77	0,55

As “Pessoas Próximas” (PP) são aquelas que se podem considerar como estando habitualmente num círculo mais íntimo de relacionamento (família, amigos), ou outras pessoas que estão na mesma situação (outros pais). Os “Apoios Formais” (AF), por outro lado são aqueles que habitualmente constituídos por agrupamentos mais abrangentes de pessoas ou instituições, são apoios mais organizados e sistematizados,

que podem não estar perto mas aos quais a pessoa pode recorrer. Os “Outros Apoios” (AO) incluem todos aqueles que não tenham sido abrangidos por nenhum dos anteriores, e que os pais podem considerar como tendo sido relevantes.

Em síntese, os estudos preliminares, permitiram-nos verificar que as escalas possuem, em geral, uma boa consistência interna com alfas de *Cronbach* aceitáveis. Além disso, apurámos que a EGP e a EAIP-F são instrumentos bidimensionais, e o QAS é um instrumento tridimensional.

3.2 - Estudo Principal

Os seguintes dados foram analisados com o programa SPSS (versão 17.0 para *Windows*) de forma a analisar as correlações entre as variáveis em causa.

Procurando dar resposta à questão inicial (*Que relações podemos encontrar entre a gratificação parental, as actividades de interacção pais-filhos e o apoio social?*), é relevante verificar, após a constatação de índices psicométricos satisfatórios para todos instrumentos utilizados, se existe uma relação entre as variáveis em estudo. Assim no Quadro 3.5 encontram-se os resultados das correlações entre as escalas.

Quadro 3.5 – Correlações entre os valores totais da EGP, EAIP-F e QAS

	Gratificação Parental	Actividades de Interação Pais-Filhos
Apoio Social	0,38**	0,43**
Gratificação Parental		0,42**

Nota: ** - significativo para $p < 0.01$, $N = 68$

O Quadro 3.5 revela que existem correlações significativas positivas entre todas as escalas, com $r = 0,43$ entre as Actividades de Interação e o Apoio Social, $r = 0,42$ entre as Actividades de Interação e a Gratificação Parental, sendo a mais baixa (mas ainda assim muito significativa) a correlação encontrada entre a Gratificação Parental e o Apoio Social com $r = 0,38$ (todas para $p < 0,01$).

No sentido de aprofundar esta análise, foi elaborada uma exploração ao nível de cada sub-escala do Questionário e das Escalas, de acordo com os resultados obtidos nos Estudos preliminares, que estão representadas no Quadro 3.6.

Quadro 3.6 – Correlações entre as sub-escalas do QAS, da EGP e da EAIP-F

		Apoio Social				Gratificação Parental			Actividades de Interação Pais-Filhos		
		Pessoas Próximas	Apoios Formais	Outros Apoios	Valores totais	Estar Para a Criança	Estar Com a Criança	Valores totais	Criança e Eu	Eu e Criança	Valores totais
Apoio Social	Pessoas Próximas		0,30**	-0,07	0,85**	0,21	0,22	0,29*	0,27*	0,48**	0,42**
	Apoios Formais			0,06	0,69**	0,12	0,06	0,12	0,12	0,18	0,19
	Outros Apoios				0,04	0,01	0,11	0,02	-0,01	0,07	0,04
	Valores totais					0,30*	0,27*	a)	0,28*	0,46**	a)
Gratificação Parental	Estar Para a Criança						0,31*	0,92**	0,29*	0,16	0,25
	Estar Com a Criança							0,66**	0,47**	0,37**	0,53**
	Valores totais								0,46**	0,30*	a)
Actividades de Interação Pais-Filhos	Criança e Eu									0,47**	0,87**
	Eu e Criança										0,83**

Nota: * - significativa para $p < 0.05$, ** - significativa para $p < 0.01$, a) resultados apresentados na tabela anterior, N = 68.

Na tabela acima apresentada encontram-se resultados significativos em relação a todos os instrumentos, ou seja, parecem haver relações fortes entre cada uma das sub-escalas de um instrumento, com pelo menos uma de outro instrumento, exceptuando os “Outros Apoios” e “Apoios Formais” do QAS que não estão correlacionadas com nenhuma outra dimensão. No capítulo da *Discussão e Conclusões*, são discutidos os resultados significativos desta tabela.

Por fim para responder à questão: *Haverá influência de alguma variável sócio-demográfica com as variáveis consideradas?*, procedeu-se a essa análise. Assim, no Quadro 3.7 encontramos os resultados referentes à análise das relações entre variáveis demográficas e cada um dos instrumentos utilizados (através dos valores totais) e respectivas sub-escalas.

Quadro 3.7 – Correlações entre as sub-escalas e as variáveis demográficas

Variáveis demográficas	Apoio Social				Gratificação Parental			Actividades de Interação Pais-Filhos		
	Pessoas Próximas	Apoios Formais	Outros Apoios	Valores totais	Estar Para a Criança	Estar Com a Criança	Valores totais	Criança e Eu	Eu e Criança	Valores totais
Idade da criança	-0,17*	0,04	0,22**	-0,04	0,03	0,25*	0,09	0,09	0,09	0,12
Idade da mãe	-0,12	-0,26**	-0,05	-0,19*	-0,12	0,09	-0,03	0,20	0,23	0,21
Idade do pai	-0,24**	-0,27**	0,08	-0,24**	-0,09	0,12	-0,04	0,08	0,09	0,07
Habilitações académicas da mãe	0,31**	0,04	-0,10	0,15	-0,27	0,14	-0,15	0,15	0,31*	0,23
Nº de irmãos	-0,25**	-0,07	0,08	-0,08	-0,01	-0,15	-0,09	-0,03	-0,05	-0,04

Nota: * - significativa para $p < 0.05$, ** - significativa para $p < 0.01$, $N = 68$.

De salientar o facto de todas os instrumentos terem pelo menos uma correlação significativa com pelo menos uma variável demográfica. O QAS (Apoio Social) é claramente o mais influenciado por estas relações. Sendo as variáveis demográficas que mais parecem correlacionar-se: a Idade da criança com duas sub-dimensões do QAS e uma da EGP (Gratificação Parental), e a Idade do pai apenas com duas sub-dimensões do QAS e com os valores totais deste Questionário. Os restantes resultados significativos (i.e., Idade da mãe, Habilitações académicas da mãe, e Número de irmãos) serão discutidos à frente no capítulo *Discussão e Conclusões*.

Foi também encontrada uma correlação interessante, que verificou que quanto menores eram as habilitações da mãe, mais irmãos a criança tinha ($r = -0,239$; $p < 0.01$). Em relação ao Género da criança, as Habilitações académicas do pai e o Número de elementos do agregado familiar não houve resultados significativos.

Resumindo, neste capítulo, realizámos uma breve caracterização das amostras dos Estudos preliminares, bem como apresentámos os resultados mais significativos em relação aos objectivos de análise que eram propostos no Estudo principal, e ainda os integrámos com as questões de investigação que nos propusemos a explorar e compreender. Neste seguimento, vamos proceder à discussão crítica destes resultados. Iremos inicialmente, integrar os resultados que consideramos ser, os mais pertinentes aqui apresentados, para podermos chegar às conclusões mais relevantes e a possibilidades de futuras investigações. Além disso, iremos também referir os limites e os contributos da nossa investigação.

4. Discussão e Conclusões

4.1 - Interpretação dos Dados

Tendo em conta os resultados apresentados no ponto anterior, verifica-se que existe relação entre a *Gratificação Parental*, as *Actividades de Interação* e o *Apoio Social*. Este resultado baseia-se na análise correlacional dos instrumentos, que nos diz que: quanto mais elevado o *Apoio Social* mais elevada é a *Gratificação Parental* e mais *Actividades de Interação Pais-Filhos* são realizadas. Da mesma forma quanto mais *Actividades de Interação Pais-Filhos* são feitas mais elevada a *Gratificação Parental* e maior a percepção de *Apoio Social*. No entanto fica a pairar a questão de qual a verdadeira relação entre os três variáveis já que segundo a literatura, parece haver uma ligação entre a gratificação e as actividades de interacção e, destas últimas, com o apoio social. Por esta investigação observou-se que o triângulo relacional se fecha, mas ficamos na incerteza se as actividades de interacção não poderão actuar aqui com um efeito mediador, tornando a relação entre os extremos, gratificação e apoio, possíveis.

Uma das primeiras grandes questões que tinha sido levantada relacionava-se com o facto de verificar se os instrumentos seriam uni ou pluridimensionais. A partir dos estudos preliminares uma das observações a apontar como tendo sido muito significativa foi o facto de nenhum dos instrumentos aqui analisados serem unidimensionais. O que significa que, a partir da análise dos índices psicométricos (que também revelou resultados satisfatórios ao nível da consistência interna) que apesar de todos medirem aquilo para que foram construídos, o fazem por meio de várias dimensões e não apenas a uma, como era inicialmente pensado.

Após esta primeira análise de validade dos instrumentos tentámos compreender as relações que existem entre os constructos aqui subjacentes, e também procurar verificar a forma como estes se relacionam com diversas variáveis demográficas. É à interpretação dessa análise que procederemos.

Análise intra-instrumentos

Ao nível do *Questionário sobre Apoio Social*, verificamos que quanto mais elevado são os “Apoios Formais”, mais “Pessoas Próximas” a mãe ou pai, considera ter. E quanto maior o número de “Pessoas Próximas”, maior o *Apoio Social* total. Isto corrobora o que foi dito por Sarason e Sarason (1982) sobre a abertura e disponibilidade

do indivíduo ao exterior através da matriz individual dos relacionamentos com outras pessoas, ou seja, quando a pessoa (aqui pai ou mãe) tem predisposição para ajudar os outros, também percebe da parte dos outros essa disponibilidade para ser ajudada caso necessite. Tal como se esta matriz for limitada, menor percepção terá da existência de outros apoiantes. Isto, além de demonstrar que são mecanismos altamente relacionados, parece querer dizer que se cria aqui um efeito *bola-de-neve*, em que a disponibilidade de apoio (recebido e fornecido) toma o papel principal. Desta forma, como Heller, Swindle e Dusenbury, (1986) sugerem, estas influências vão determinar a natureza de interações sociais futuras.

É um resultado também de salientar o facto de, ainda no *QAS*, os “Outros Apoios” não se relacionarem nem com as outras dimensões do questionário, nem com o valor total deste. Isto pode acontecer pela incerteza do significado destes itens, ou mesmo porque não existam efectivamente outros apoios que não tivessem sido já considerados.

Em relação à *Escala de Gratificação Parental*, observámos que quanto mais elevada era a gratificação em “Estar Com a Criança” (a brincar ou conversar, por exemplo) mais elevada era a gratificação em “Estar Para a Criança” (na satisfação de necessidades básicas e de controlo) e maior a *Gratificação Parental* geral. Isto leva-nos a considerar mais uma correlação encontrada, de que quanto mais velha é a criança, mais gratificação em “Estar Com a Criança” os pais sentem. Tal confirma o que Fagot e Kavanagh (1993) afirmavam, ou seja, que a gratificação que os pais tiram no cuidado da criança varia conforme a sua idade. Além disso a criança de três ou quatro anos está muito mais apta a responder às demandas desta categoria (i.e., o deitar já acarreta pedidos como ler histórias, brincar, conversar e envolver a criança nas tarefas do dia-a-dia, são algumas das actividades que já podem ser respondidas com idades mais avançadas), comparativamente com as crianças de um ano.

No que concerne a *Escala de Actividades de Interação Pais-Filhos*, quanto mais actividades de interacção “Eu e Criança” mais actividades “Criança e Eu” e mais *Actividades de Interação Pais-Filhos* geral são realizadas. Esta ideia pode ser também comparada ao modelo de imitação que a criança vê nos pais, ou seja, a criança que é estimulada pelos pais a desempenhar determinadas tarefas tenderá a mais tarde reproduzir esse modelo e repetir mais facilmente o que foi feito tendendo a procurar mais a mãe e/ou pai para interagir. Além disso, como referido por Holden (1985 cit. por Pettit & Bates, 1989) o comportamento parental positivo (do qual faz parte o

desempenho de actividades com a criança de modo a permitir que ela experimente *apoio* ao nível do afecto, comunicação, etc.) podendo inibir a expressão de negatividade na criança, pode levar à criação de uma espécie de fronteira afectiva positiva entre os pais e a criança, que se retroalimenta por comportamentos socialmente desejáveis, criando um ciclo de reforço mútuo, em que mãe/pai e filho saem a ganhar.

Análise inter-instrumentos

Fazendo agora uma análise crítica dos resultados obtidos entre os instrumentos, observamos que, quanto mais actividades de interacção “Criança e Eu” e “Eu e Criança”, maior a *Gratificação Parental*. Na verdade, como indicavam Leve, Scaramella e Fagot (2001) quanto mais actividades rotineiras os pais desenvolviam com os filhos mais prazer sentiam no desempenho dessas tarefas. Holden (1985 cit. por Pettit & Bates, 1989) afirmou mesmo que o envolvimento positivo (avaliado através do EAIP-F e EGP) dava aos pais a noção de que a criança se envolveria menos em comportamentos problemáticos e aceitaria melhor uma chamada de atenção da mãe e/ou pai, aumentando assim a percepção dos pais de auto-eficácia. E também desta forma, quanto maior for a gratificação em “Estar Com a Criança”, mais *Actividades de Interação Pais-Filhos* (e de “Eu e Criança”) são desenvolvidas. Do mesmo modo, quanto mais actividades “Criança e Eu” (i.e., em que a criança trás algo para a interacção) mais gratificação parental em “Estar Para Criança” e em “Estar Com Criança”.

Por outro lado, quanto mais actividades de interacção “Criança e Eu” e “Eu e Criança”, maior o *Apoio Social* geral e especificamente o de “Pessoas Próximas”, comprovando pelo que atrás foi referido, que o apoio de terceiros se pode revelar como bastante útil no caso das intervenções preventivas, na medida em que ao promoverem actividades de interacção entre os pais e os filhos, estas ajudam os pais a ganharem competências, e isto leva a melhorias significativas ao nível do comportamento dos filhos e dos pais (Webster-Stratton, 1981, 1998; Scott, *et al.*, 2001 cit. por Chandani, Prince & Scott, 2003). Talvez também por isso, quanto maior o *Apoio Social*, maior a gratificação em “Estar Com a Criança” e em “Estar Para a Criança”.

Outro dado interessante é que, quanto maior o número de “Pessoas Próximas”, maior a *Gratificação Parental* e mais *Actividades de Interação Pais-Filhos* são desenvolvidas. Interessante, não só devido ao facto de ser a única dimensão que está relacionada com os valores totais das restantes escalas, como pelo facto de apoiar a

importância da existência de uma Rede Social de apoio aos pais (Sluzki, 1996), que os sustentem, e forneçam um sentimento de eficiência, competência e capacidade. É conhecida a força que uma “rede social pessoal estável, sensível, activa e confiável” (Sluzki, 1996, p.71) protege as pessoas de doenças e actua como facilitador no processo de mobilização e procura de ajuda. No mesmo sentido, nos pais, a existência de uma Rede Social com estas características, normalmente a presente através das “Pessoas Próximas”, pode também facilitar o desempenho e a adopção de determinadas atitudes positivas face à parentalidade (por exemplo, no desempenho de actividades com o filho), como ainda, melhorar a auto-estima, e assim fazê-lo retirar mais prazer desta interacção. Já que é conhecida a importância de grupos de apoio social instáveis e variáveis perante o maltrato da criança (Crittenden, 1985 cit. por Kavanagh, *et al.*, 1988) o facto de a pessoa ter uma Rede Social activa, como sugerido, pode influenciar e actuar como factor protector.

Mais uma vez é de evidenciar o facto de que os “Outros Apoios” não se relacionam com nenhuma dimensão das Escalas, nem com os valores totais destas.

De forma a responder à última questão de investigação do estudo (*Haverá influência de alguma variável sócio-demográfica com as variáveis consideradas?*), e apesar de algumas já terem sido referidas segue-se a restante análise do que encontrámos na nossa amostra.

Constatámos uma relação inversa entre a idade dos pais e o *Apoio Social* (i.e., quanto maior a idade da mãe e do pai, menor *Apoio Social*), o que pode ser analisado à luz do que se passa actualmente. Por um lado temos vindo a assistir a um crescente implementar de Instituições, no nosso país, que apoiam a mãe jovem (aqui referimo-nos à mãe adolescente) e tem-se observado uma evolução no contexto apoiante a estas mães por parte de vizinhos, amigos, familiares, etc. Por outro lado, a mãe e o pai mais velhos podem, por exemplo, já não ter os pais ou familiares presentes na sua vida, ou tantos amigos ou colegas disponíveis para ajudar, porque também eles se ocupam agora dos seus (levando a um decréscimo de “Pessoas Próximas” que apoiam a família com o aumento da idade do pai). Além disso, mais estereótipos podem existir a ajudar estes pais por se pensar que devido à idade podem não aceitar a ajuda ou que, efectivamente, não precisam dela por terem experiência e conhecimentos suficientes para isso. Talvez daí quanto mais idade tem a mãe e o pai, menos “Apoios Formais” recebe. Esta possibilidade pode (e deve) levar a sérias reflexões sobre o assunto, ainda para mais

sabendo que a tendência actual é para os casais serem pais numa idade cada vez mais tardia (de 24,9 anos em 1991, para 26,8 anos em 2001; INE, 2004a).

Verificámos também uma relação inversa entre a idade da criança e o tipo de apoios dado à família, ou seja, quanto mais nova é a criança, mais “Pessoas Próximas” e menos “Outros Apoios” ajudam a família. Isto vai ao encontro do que se sabe sobre a influência que o nascimento de uma criança implica numa família, segundo Alarcão (2006), quando nasce uma criança há todo um movimento no sentido da nova família que nasce e, das novas funções, papéis e relações que se criam, que permite uma reorganização do casal, que indubitavelmente passa pela sua readaptação à nova condição e da restante família ao crescer de uma nova geração (ou perpetuação da linhagem). Além disso, o nascimento de uma criança, enquanto transição normativa no ciclo de vida da família (para a parentalidade; McCubbin & Patterson, 1983) pode ser encarada como um momento de *stress* que pode provocar uma mobilização do próprio casal na procura de recursos. Sendo assim, este resultado pode ser produto de um movimento do casal para “Pessoas Próximas” e vice-versa. Por este seguimento de ideias, o mesmo pode acontecer em relação ao que se passa ao aumento da família nuclear, isto é, quanto menor o número de irmãos, mais “Pessoas Próximas” apoiam a família.

Foi encontrado ainda, que quanto mais Habilitações académicas tem a mãe, mais actividades de interacção de “Eu e Criança” eram desempenhadas, o que contesta o que foi apresentado por Chandani, Scott e Prince (2003) ao comparar a actividade profissional das mães – empregada/desempregada – em que as mães que estavam empregadas desempenhavam significativamente menos actividades educativas (como desenhar e ler, incluídas nesta categoria). Apesar de mais habilitações literárias não ser necessariamente sinónimo de emprego no nosso país, sabe-se que a tendência será para estas mães, que investiram nas suas qualificações, trabalharem (OCDE, 2007). No entanto, um estudo mais aprofundado poderia levar a resultados mais consistentes.

Da mesma forma, quanto mais Habilitações académicas tem a mãe, mais “Pessoas Próximas” apoiam a família, isto pode ser resultado do facto de uma vez inseridas no mercado de trabalho a sobrecarga de actividades poderem levar a uma aproximação destas pessoas, como acima referido. Além disso, sendo pessoas por norma socialmente competentes conseguem manter relações interpessoais satisfatórias (Del Prette & Del Prette, 1999, 2001, cit. por Cia, Pereira, Del Prette & Del Prette,

2007), levando ao envolvimento consentido de outras pessoas que não apenas os pais na educação do filho.

4.2 - Limitações do Estudo

Os estudos na área da parentalidade e do apoio social impõem ao investigador vários desafios metodológicos, que ao longo deste trabalho foram surgindo, e que se podem traduzir em algumas limitações.

Primeiro que tudo, a grande proliferação de estudos nesta área possibilita por um lado, ter uma visão muito completa do que vai sendo feito, mas por outro também pode dificultar quando nos queremos centrar em áreas tão abrangentes como as aqui abordadas. Mais especificamente, o facto de a área do apoio social a que neste trabalho nos referíamos ser tão particular, por se centrar no apoio à família nos anos da infância, tornou a pesquisa muito mais limitada e se inicialmente parecia haver muita documentação, depois de trabalhada houve muita informação que teve de ser posta de lado. Ao invés, em relação à parentalidade existem tantas investigações que se torna difícil traçar um caminho sem ramificações.

Outro aspecto, foi o acesso à amostra, aqui em grande parte gentilmente facilitado pelo projecto *A PAR*, mas que ainda assim deparou com alguns obstáculos. Ao termos de recorrer a amostras de conveniência, os dados sócio-demográficos recolhidos, tiveram de se restringir a várias amostras, nas quais pessoas com diferentes características foram comparadas, sem conseguirmos fazer uma caracterização geral mais completa de cada uma delas, o que nos levou a optar por caracterizações mais sintéticas, que fossem comuns à maioria dos participantes.

Também no que se refere à metodologia propriamente dita, o mais indicado mediante o objectivo desta investigação, seria terem sido aplicados os três instrumentos a todas as pessoas com crianças que preenchessem os requisitos. No entanto, dada a limitação já referida anteriormente, utilizamos diferentes sub-amostras para averiguar os objectivos de investigação.

Aqui podem também ocorrer algumas limitações no sentido dos aplicadores. Devido ao facto de terem sido vários, pode-se ter perdido consistência na forma de aplicação. Pensamos, que esta limitação foi colmatada pelas instruções dadas aos participantes.

Também as formas de aplicação podem ter sido restritivas, pois apesar de todos os pais terem preenchido os instrumentos sem influência do exterior, não sabemos até que ponto, os pais que os levaram para casa, não estavam a ser influenciados, ou limitados, por distrações várias e portanto as condições de aplicação não terem sido as mesmas.

Tentámos colmatar o facto de haverem algumas pessoas sem o português como língua materna, disponibilizando avaliadores para aplicarem os questionários. Numa fase inicial, isso foi mesmo feito para todas as pessoas, mas devido ao pouco tempo que nos era disponibilizado, para a recolha de informação, e a restrição, pela disponibilidade que tinha de estar inerente a esta solicitação aos pais, privando-os de estarem nos empregos, ou com os filhos, optámos por abandonar esta forma, tendo sido abrangidas poucas pessoas... mas que ainda assim possam ter prejudicado umas e beneficiado outras.

Constatámos que as características métricas de alguns instrumentos apesar de satisfatórias não apresentavam as condições ideais. Tentámos colmatar este problema, recorrendo a um maior número possível de participantes e analisando a distribuição que se apresentou em todos os casos como tendo uma distribuição normal (Pestana & Gageiro, 2003).

Por termos trabalhado com um grande número de variáveis, ligado ao facto de serem várias sub-escalas ou dimensões dos instrumentos aplicados, a leitura e integração deste grande número de resultados, não foram sempre fáceis. Também devido ao pouco tempo para a realização desta dissertação não nos foi possível aprofundar todos os aspectos daqui resultantes. Mas tentámos suscitar novas ideias e ir além daquilo a que nos tínhamos proposto, tentando aprofundar alguns aspectos também inerentes ao facto de esta ser uma investigação intrinsecamente ligada a um projecto mais abrangente e por isso que pretende lançar ideias, passíveis de serem abordadas de forma mais exploratória, pois seria prematuro avançar no sentido de aferir modelos teóricos específicos, numa área relacional, relativamente pouco investigada e conhecida.

É de salientar, em termos mais específicos, também o facto de que apesar do item “Brinco com o/a... em espaços abertos” (da EAIP-F), tal como “Os meus filhos” e “Creche ou Escola” (do QAS), não saturarem em nenhum dos factores propostos foi decidido mantê-los, por se poderem revelar como sendo importantes para o projecto *A PAR* (em que se insere a presente investigação). Este primeiro item (“Brinco com o/a...

em espaços abertos”) levantou-nos algumas dúvidas devido ao facto de grande parte das respostas terem sido dadas no *coração do Inverno*, ou seja, nos tempos escolares. Uma vez que é pedido aos pais para se centrarem nos últimos dois a três meses, esta questão pode ser levantada, devido ao facto de, com chuva e frio, os pais não irem com os filhos para a rua, facto que aliás foi levantado por uma das mães em entrevista pós-preenchimento.

Outro item que levantou dúvidas foi o 10 do EAIP-F (“Há dias em que não tenho tempo para brincar ou para ler com o/a...”), segundo Hill e Hill (2005) um item nunca deverá conter dois aspectos centrais, que aqui seriam o ler e o brincar, o que pode enviesar os resultados, além disso, ser o único feito pela negativa não nos permite controlar o sentido das respostas, como era proposta na versão primária, acabando por ter sido abandonada na versão final inglesa na qual se inspirou a presente tradução.

Outra limitação subjacente é o facto de não avaliarmos a desiderabilidade social dos instrumentos, nem a validade externa (compará-los com outros instrumentos que pretendem avaliar os mesmos construtos: apoio social, gratificação parental e a interacção pais-filhos). Também pelo facto de estarem ainda em fase de adaptação, não possuem dados comparativos, no entanto esperamos que esta investigação tenha aberto horizontes nesse sentido.

4.3 - Implicações do Estudo

Apesar das limitações inerentes ao estudo, pensamos que este cumpriu o seu objectivo principal: abriu novas perspectiva, que esperemos que não fiquem por aqui... No campo metodológico, este estudo considerou a análise da validade interna de três instrumentos, duas escalas directamente relacionadas com a parentalidade, uma sobre as actividades desempenhadas pelos pais em conjunto com os filhos (EAIP-F, *Escala de Actividades de Interação Pais-Filhos* de Chandani, Prince & Scott, 1999) e outra acerca do prazer que tiram no desempenho de certas rotinas de cuidado diário da criança (EGP, *Escala de Gratificação Parental* de Fagot, 1994), e por fim um questionário relacionado com o suporte social (QAS, *Questionário sobre Apoio Social* de Sarason, *et al.*, 1983). Estes instrumentos, aqui analisados, podem ser um contributo para futuros estudos em várias áreas.

No campo pragmático, os resultados da presente investigação poderão, contribuir para gerar novas ideias a vários níveis. Uma primeira implicação deste estudo

advém de termos verificado que as três variáveis estão altamente correlacionadas. O que significa que apesar de não podermos intervir directamente na gratificação parental, podemos influenciá-la através do apoio social. Ou seja, através de um fortalecimento das redes sociais de apoio dos cuidadores de crianças (por exemplo através de associações de pais) podemos aumentar indirectamente a gratificação dos pais quando estão com os filhos e o número de interações com eles.

Também através da inclusão de programas ou projectos (como o *A Par*), ao se fomentarem as actividades de interação entre os pais e os filhos e a promover a criação de laços afectivos com outros pais que estão nas mesmas condições (que têm filhos), podemos estar (in)directamente a aumentar a gratificação parental.

Como vimos, o apoio social declina conforme o aumento da idade dos cuidadores. A este nível podemos trabalhar a tendencial precariedade de apoios fornecidos aos pais mais velhos, para assim alcançar níveis superiores de gratificação parental e de actividades de interação pais-filhos.

Outro resultado que também suscita reflexão é a diminuição de apoio social conforme o aumento do número de irmãos. Em relação a famílias numerosas (com mais de três filhos) esta poderá ser também um foco de atenção para uma possível intervenção com vista ao aumento de uma rede de apoio pessoal (amigos, familiares, outros pais), que pode aumentar a gratificação parental e as frequências de interação pais-filhos.

A todos os níveis de implicação supra-mencionados, parece-nos ainda importante que o fortalecimento de relações próximas (incluídas na dimensão “Pessoas Próximas” do QAS como a/o companheira/o, familiares, amigos, outros pais) parece ser mais benéfico para o aumento da gratificação parental e da interação pais-filhos, do que “Apoios Formais” obtidos por instituições. De acordo com os resultados obtidos, talvez seja mais indicado fortalecer pequenos grupos de interação (por exemplo, grupos de ajuda, clubes, vizinhança, etc.) que permitam uma relação mais próxima.

Através da exploração destes fenómenos: de interação, cuidado e suporte familiar, verificámos que se dermos às pessoas a possibilidade de se sentirem apoiadas na sua função parental, estamos não só a fazer com que se sintam mais eficazes no desempenho do seu papel, como se sintam mais envolvidas no cerne familiar, o que terá influência no desempenho de diversas tarefas diárias. No fundo, através da promoção de qualquer uma destas áreas estamos a alimentar uma área de desenvolvimento

sustentável que poderá ter um impacto ao nível da sociedade que acreditamos poder ser bastante grande.

4.4 - Perspectivas de Investigação Futura

Com cada nova investigação, nascem novas interrogações, e esta não é excepção. Uma vez que este estudo pode levar a outros, seria interessante, ir mais além, aplicando estes instrumentos a mais pessoas de forma a ser possível realizar Equações Estruturais, que dada a dimensão da nossa amostra nos foi impossível fazer. No sentido, de analisar a direcção da influência das variáveis umas sobre as outras, e concluir se existe alguma delas que funcione como mediadora ou se acontece uma relação directa entre elas, como também pode acontecer.

Noutro estudo mais exploratório, seria também interessante se a este nível fossem realizadas entrevistas pós-preenchimento dos questionários, dando possibilidade aos pais de criticarem (construtivamente) os instrumentos de avaliação de modo a adequá-los o mais possível à nossa realidade.

Podíamos tentar ir ainda um pouco mais longe nesta exploração, uma vez que esta investigação se insere num Projecto, inspirado noutro, seria muito interessante não se limitar às idades propostas de avaliação em Inglaterra, e testarmos os instrumentos para populações mais jovens, no caso da EGP que foi construída para avaliar a gratificação em pais de crianças mais pequenas, ou um pouco mais velhas aplicando por exemplo a EAIP-F ou o QAS a pais de crianças em idade escolar. Ainda se podem estudar estes instrumentos noutros contextos culturais, sociais e educacionais ou mesmo populações especiais, por exemplo, de pais com crianças, que sofrem uma deficiência mental ou física.

Seja qual for o pretendido, certamente questões serão sempre levantadas, agora e sempre, é isso que permite o mundo avançar “como bola colorida entre as mãos de uma criança⁵”... Para enriquecer o conhecimento de base dos técnicos, e melhorar práticas sociais, o objectivo primordial no âmbito do estudo da parentalidade, será o apoio às famílias. Afinal “De todos os dons da natureza para a raça humana, o que é mais doce para um homem do que os seus filhos?⁶”.

⁵ Excerto do poema *Pedra Filosofal*, de António Gedeão.

⁶ Marcus Tullius Cícero, em 6º volume dos *Discursos de Cícero*

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto, 3ª edição.
- A PAR – Aprender em parceria. Consultado em 9 de Fevereiro de 2010 em www.a-par.pt.
- Armstrong, M. I., Birnie-Lefcovitch, S., & Ungar, M. T. (2005). Pathways between social support, family well being, and child resilience: What we know. *Journal of Child and Family Studies*, 14(2), pp. 269-281.
- Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2(22), pp. 377-386.
- Bee, H. (2003). *A Criança em Desenvolvimento*. Porto Alegre: Artmed, 9ª edição.
- Brazelton, T. B. (1992). *O Grande Livro da Criança: o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. Lisboa: Editorial Presença, 1ª edição.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Ceballo, R., & McLoyd, V. C. (2002). Social support and parenting in poor, dangerous neighbourhoods. *Child Development*, 73(4), pp. 1310-1321.
- Chandani, K., Prince, M. J. & Scott, S. (1999). Development and initial validation of the Parent-child Joint Activity Scale: a measure of joint engagement in activities between parent and pre-school child. *International Journal of Methods in Psychiatric Research*, 8(4), pp. 219-229.
- Chandani, K., Prince, M. J. & Scott, S. (2003). Mother-child joint activity and behaviour problems of pre-school children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 44(7), pp. 1037-1048.
- Chandani, K., Scott, S. & Prince, M. J. (2003). Time budgets of the mothers of pre-school children: An analysis of mother-child joint activities. *British Journal of Developmental Psychology*, 21, pp. 273-283.

- Cia, F., Pereira, C. S., Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2007). Habilidades sociais das mães e envolvimento com os filhos: um estudo correlacional. *Estudos de Psicologia*, 24(1), pp.3-11.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto, 1ª edição.
- Evangelou, M., Brooks, G., Smith, S. & Jennings, D. (2005). *The Birth to School Study: A longitudinal evaluation of the Peers Early Education Partnership (PEEP)*. London: DfES.
- Fagot, B. I. (1995). Development of a Pleasure in Parenting Scale. *Early Development and Parenting*, 4(2), 75-82.
- Fagot, B. I. e Kavanagh, K. (1993). Parenting during the Second Year: Effects of Children's Age, Sex, and Attachment Classification. *Child Development*, 64, pp. 258-271.
- Hannon, P. (1995). *Literacy, Home & School: Research and Practice in Teaching Literacy with Parents*. London: RoutledgeFalmer Press.
- Heller, K., Swindle, R. W. & Dusenbury, L. (1986). Component Social Support Processes: Comments and Integration. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54(4), pp.466-470.
- Hill, M. M. & Hill, A. (2005). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo, 2ª ed. rev. e corrigida.
- INE – Instituto Nacional de Estatística. (2000). *Inquérito à Ocupação do Tempo 1999*, consultado em 2 de Janeiro de 2010 em www.ine.pt.
- INE – Instituto Nacional de Estatística. (2004a). *10º Aniversário do dia Internacional da Família*, consultado em 12 de Maio de 2010 em www.ine.pt.
- INE – Instituto Nacional de Estatística. (2004b). *A propósito do Dia Mundial da Criança*, consultado em 18 de Abril de 2010 em www.ine.pt.

- Kavanagh, K., Youngblade, L., Reid, J. B. & Fagot, B. I. (1988). Interactions Between Children and Abusive Versus Control Parents. *Journal of Clinical Child Psychology*, 17(2), pp. 137-142.
- Le Camus, J. (2000). *O verdadeiro papel do pai*. Porto: Ambar.
- Leve, L., Scaramella, L. & Fagot, B. I. (2001). Infant Temperament, Pleasure in Parenting, and Marital Happiness in Adoptive Families. *Infant Mental Health Journal*, 22(5), pp. 545-558.
- López, G. C. H., Palacio, C. R. & Nieto, L. A. R. (2007). Las prácticas educativas familiares como facilitadoras del proceso de desarrollo en el niño y niña. *El Ágora Universidad de San Buenaventura*, 7(2), pp. 233-240.
- Madigan, S., Ladd, M. & Goldberg, S. (2003). A picture is worth a thousand words: children's representations of family as indicators of early attachment. *Attachment & Human Development*, 5(1), pp. 19-37.
- Martins, E. I. C. (2007). *Regulação emocional diádica, temperamento e nível de desenvolvimento aos 10 meses como preditores da qualidade da vinculação aos 12-16 meses*. Tese de doutoramento não publicada. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- McCubbin, H. I. & Patterson, J. M. (1983). Family Transitions: Adaptation to Stress. *Stress and the Family: Coping with normative transitions*. New York: Brunner/Mazel Publishers, 5ª edição.
- Nabuco, M. E. & Prates, M. (2008). O Projecto A PAR. *Cadernos de Educação de Infância*, 83, pp.10-14.
- Nix, R. L., Pinderhughes, E. E., Dodge, K. A., Bates, J. E., Pettit, G. S., & McFadyen-Ketchum, S. A. (1999). The relation between mothers' hostile attribution tendencies and children's externalizing behavior problems: the mediating role of mothers' harsh discipline practices. *Child Development*, 70(4), pp. 896-909.

- OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (2007). *Panorama sobre a Educação 2007: Indicadores da OCDE* (tradução para português de *Education at a Glance 2007: OECD Indicators*). Paris: OECD.
- Papalia, D. E., Olds S.W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill, 8ª edição.
- Paulussen-Hoogbeem, M. C., Stams, G.J., Hermanns, J. M., Peetsma, T.T., & van den Wittenboer, G.L. (2008). Parenting style as a mediator between children's negative emotionality and problematic behavior in early childhood. *The Journal of Genetic Psychology*, 169(3), pp. 209-226.
- PEEP – Peers Early Education Partnership (2010). Consultado em 9 de Fevereiro de 2010 em www.peep.org.uk.
- Pestana, M.H. & Gageiro, J.N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (3ª edição). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pettit, G. S. & Bates, J. E. (1989) Family Interaction Patterns and Children's Behavior Problems from Infancy to 4 Years. *Developmental Psychology*, 25(3), pp. 413-420.
- Ribeiro, J. L. P. (1999). Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3(17), pp. 547-558.
- Ryan, R. M., Martin A., & Brooks-Gunn, J. (2006). Is One Good Parent Good Enough? Patterns of Mother and Father Parenting and Child Cognitive Outcomes at 24 and 36 Months. *Parenting: Science and Practice*, 6(2-3), pp.211-228.
- Sarason, I. G. (1981). Test anxiety, stress, and social support. *Journal of Personality*, 49(1), pp. 101-114.
- Sarason, I. G., Levine, H. M., Basham, R.B. & Sarason, B.R. (1983). Assessing social support: The Social Support Questionnaire, *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, pp. 127-139.

- Sarason, I. G., & Sarason, B.R. (1982). Concomitants of social support: Attitudes, personality characteristics, and life experiences. *Journal of Personality*, 50(3), pp. 331-344.
- Serôdio, S. G. (2009). *A Função paterna e o Desenvolvimento infantil: influencia da Gratificação parental e da presença versus Ausência nos primórdios do auto-conceito da criança*. Tese de mestrado não publicada. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Sinha, S. P., & Nayyar, P. (2000). Crowding Effects of Density and Personal Space Requirements Among Older People: The Impact of Self-Control and Social Support. *The Journal of Social Psychology*, 140(6), pp. 721-728.
- Sluzki, C. E. (1996). *La Red Social: Frontera de la Pratica Sistémica*. Barcelona: Editorial Gedisa.
- Sosa, R., Kennell, J., Klaus, M., Robertson, S., & Urrutia, J. (1980). The effect of a Supportive Companion on Perinatal problems, Length of Labor, and Mother-Infant Interaction. *The New England Journal of Medicine*, 303(11), pp. 597-600.
- Sylva, K., Evangelou, M., Taylor, R., Rothwell, A. & Brooks, G. (2004). *Enabling Parents: The Role of PEEP in Supporting Parents as Adult Learners*. Oxford: University of Oxford.
- Taborda, J., & Fonseca, P. (2007). Paternidade: passado, presente e futuro. *Atlaspsico*, 5, pp. 14-23.
- Wiggins, T. L., Sofronoff, K. & Sanders, M. R. (2009). Pathways Triple P-positive parenting program: effects on parent-child relationships and child behavior problems. *Family Process*, 48(4), pp. 517-530.

Anexos

Anexo I
Autorização de utilização dos dados



AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de coordenadoras do Projecto A PAR (Aprender em parceria), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, PTDC/CED/69219/2006, informamos que as bolsistas, Ana Sofia Jacinto, Iris Arriscado, Marta Marchante e Nadine Santos estão autorizadas a utilizar os dados que ajudaram a recolher desde que apresentem o seu plano de investigação.

As Coordenadoras do Estudo

Doutora M. Emília Nabuco
Centro Interdisciplinar de Estudos
Educaionais
Escola Superior de Educação de Lisboa

Doutora M. Stella Aguiar
Centro de Psicologia Clínica e Experimental:
Desenvolvimento, Cognição e Personalidade
Faculdade de Psicologia e Ciências da
Educação
Universidade de Lisboa

22/6/2009

Anexo II

Gráficos de normalidade das amostras dos Estudos preliminares

Figura II.1 – Distribuição das respostas na amostra do estudo preliminar relativo à EGP

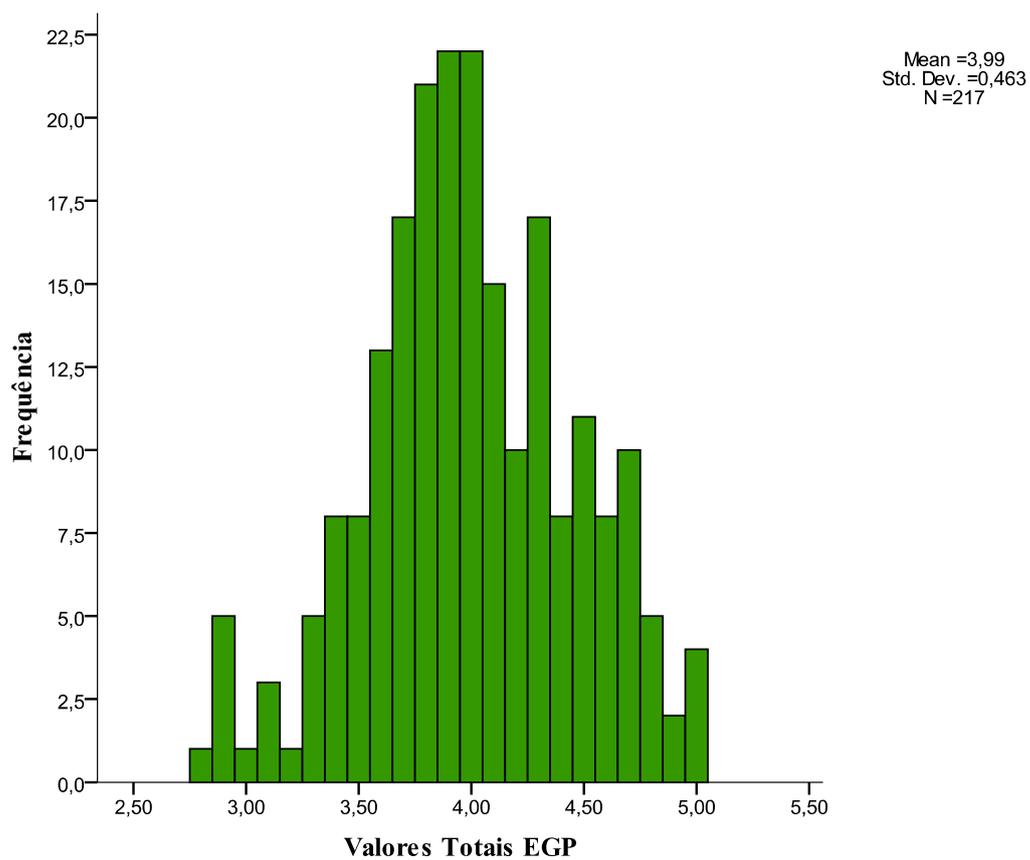


Figura II.2 – Distribuição das respostas na amostra do estudo preliminar relativo à EAIP-F

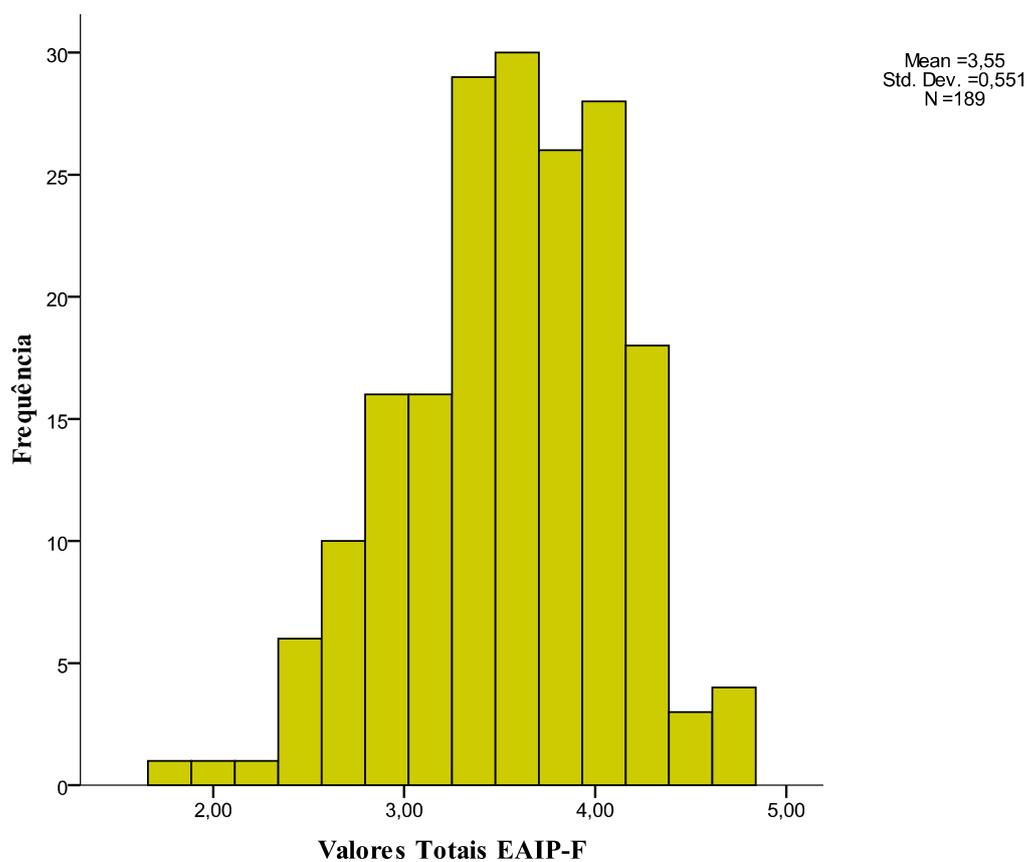
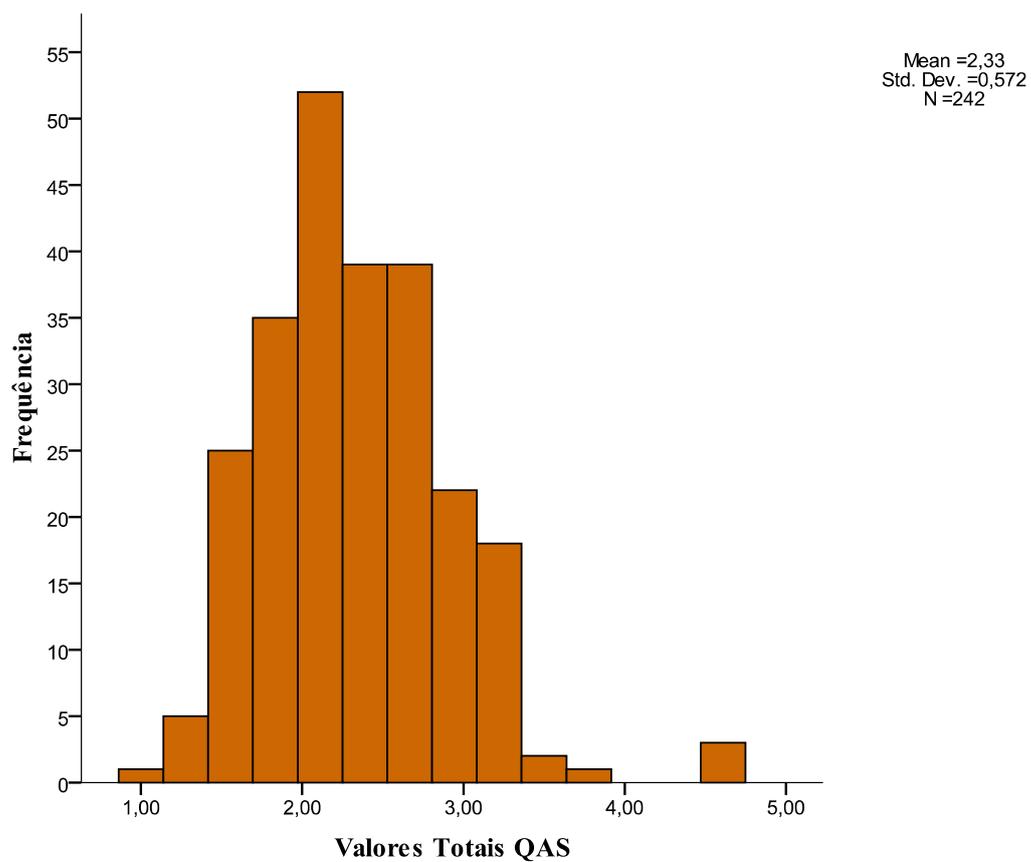


Figura II.3 – Distribuição das respostas na amostra do estudo preliminar relativo ao QAS



Anexo III

Sree Plots das amostras dos Estudos preliminares

Figura III.1 – Distribuição das respostas na amostra do estudo preliminar relativo à EGP

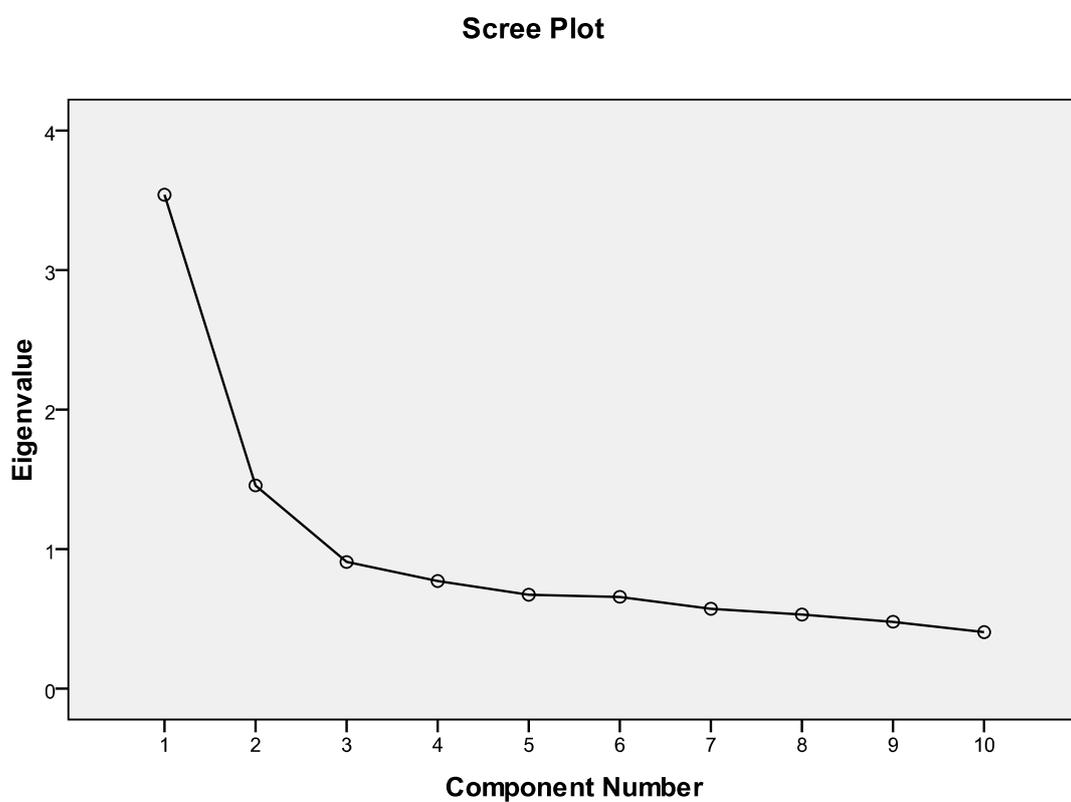


Figura III.2 – Distribuição das respostas na amostra do estudo preliminar relativo à
EAIP-F

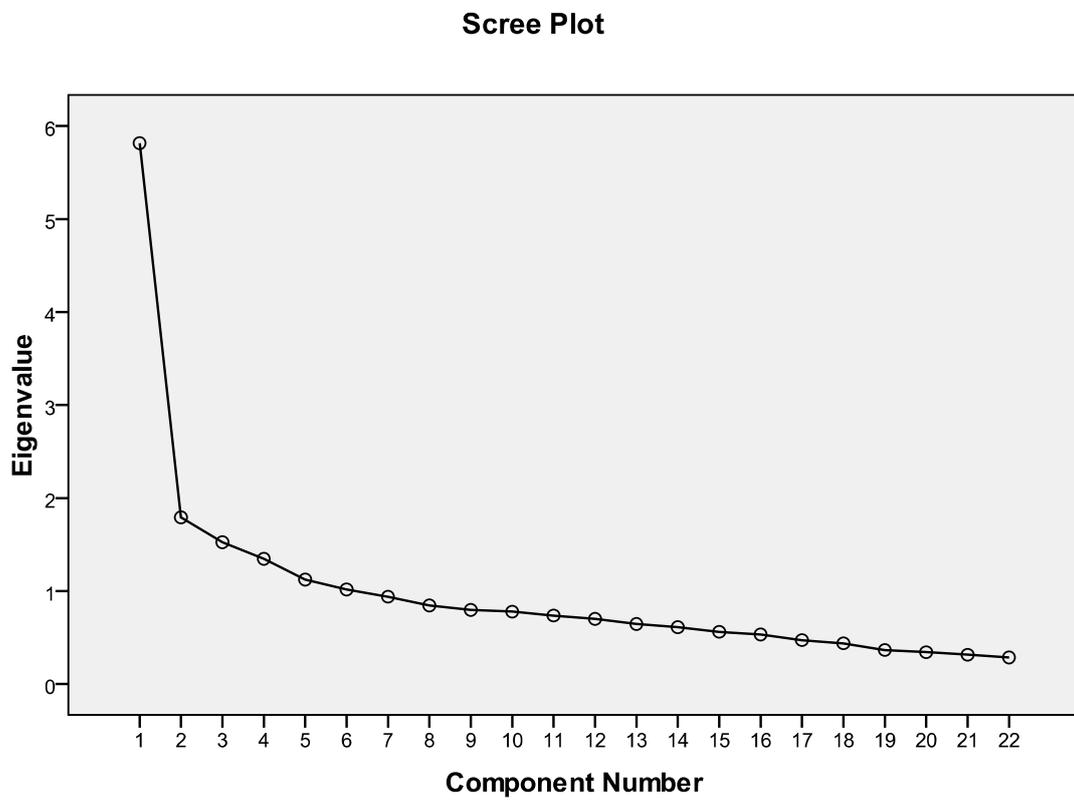


Figura III.3 – Distribuição das respostas na amostra do estudo preliminar relativo ao QAS

